

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**MARIA ELIA GONÇALVES MARTINS**

**LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS ATRAVÉS DE FERRAMENTAS  
TECNOLÓGICAS NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA**

**BAGÉ  
2016**

**MARIA ELIA GONÇALVES MARTINS**

**LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS ATRAVÉS DE FERRAMENTAS  
TECNOLÓGICAS NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao programa Profissional de Pós-graduação *Stricto sensu* em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ensino de línguas.

Orientadora:  
Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros

**BAGÉ  
2016**

## Ficha catalográfica

**MARIA ELIA GONÇALVES MARTINS**

**LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS ATRAVÉS DE FERRAMENTAS  
TECNOLÓGICAS NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao programa Profissional de Pós-graduação Stricto sensu em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ensino de línguas.

Área de concentração: Linguagem e docência

Dissertação defendida em  
Banca examinadora

---

Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros (Unipampa - Bagé)

---

Profa. Dra. Cátia Rosana Dias Goulart (Unipampa - Jaguarão)

---

Profa. Dra. Elenice Larroza Andersen (UFSC)

Dedico este trabalho a todos os educadores deste país, que lutam diariamente por uma educação de qualidade.

## **AGRADECIMENTOS:**

À minha filha Helena, que especialmente, enche minha vida de poesia.

Ao meu filho Gabriel, sempre tão contestador.

À minha orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros, pela paciência e dedicação.

Aos professores, que marcaram minha trajetória acadêmica de forma tão positiva, inspirando-me a seguir a carreira do magistério.

Em especial, aos meus alunos do Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, que me fazem amar mais, a cada dia, minha profissão e seguir em busca de novos conhecimentos.

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma tem mil faces secretas sob a face  
neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

**Carlos Drummond de Andrade**

## RESUMO

A temática deste trabalho são as novas possibilidades metodológicas de trabalhar a leitura literária utilizando novos suportes, como as ferramentas tecnológicas, apropriando-se do espaço proporcionado pela Educação Integral. O objetivo desta pesquisa é analisar e refletir criticamente sobre a experiência docente na aplicação da Proposta de Leitura Literária através das Ferramentas Tecnológicas no espaço da Educação Integral. A experiência ocorreu no contexto do Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, na cidade de Jaguarão-RS, com alunos do Ensino Fundamental, que participaram do Projeto de Educação Integral – Mais Educação. Embasamos nosso estudo com Colomer (2007) para tratar da leitura literária na escola; Lévy (2008) para compreender a cibercultura; Moran (2010) para aludir o uso das tecnologias na escola; Moll (2012) para tratar das questões sobre a Educação Integral. Como resultado deste trabalho, aperfeiçoamos a Proposta Metodológica “Blogados na Literatura” a partir das reflexões críticas construídas na aplicação do projeto piloto, o que poderá auxiliar outros profissionais da educação interessados em trabalhar com a leitura literária.

Palavras-chaves: Leitura literária. Tecnologias. Blog. Educação Integral.

## RESUMEN

El tema de este trabajo son las nuevas posibilidades metodológicas de trabajo con la lectura literaria utilizando nuevos medios como las herramientas tecnológicas, apropiándose del espacio proporcionado por la Educação Integral. El objetivo de esta investigación es analizar y reflexionar críticamente sobre la experiencia en la aplicación de la propuesta de lectura literaria a través de las herramientas tecnológicas en el espacio de la educación integral. El experimento ocurrió en el Instituto Estadual de Educação Espírito Santo en la ciudad de Jaguarão-RS, con los estudiantes de Ensino Fundamental, que participaron en el Proyecto de Educación Integral - Mais Educação. Embasamos nuestro estudio en Colomer (2007) para hacer frente a la lectura literaria en la escuela; Lévy (2008) para comprender la cibercultura; Moran (2010) para aludir a la utilización de la tecnología en las escuelas; para hacer frente a las proposiciones de la educación integral, examinamos los estudios organizados por Moll (2012). Como resultado de este trabajo, hemos mejorado la propuesta metodológica "Blogados na Literatura" por medio de las reflexiones críticas desarrolladas en la ejecución del proyecto piloto, lo que podrá ayudar a otros profesionales de la educación interesados en trabajar con la lectura literaria.

Palabras clave: La Lectura Literaria. Tecnologías. Blog. Educación Integral.

## SUMÁRIO:

<b>1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>4</b>
<b>2- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>12</b>
2.1- A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA.....	12
2.2- A TECNOLOGIA NA ESCOLA.....	17
2.3- A EDUCAÇÃO INTEGRAL.....	27
<b>3- PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INTEGRAL.....</b>	<b>39</b>
3.1- ORIGEM DA PROPOSTA.....	40
3.2- A PROPOSTA EM SUA VERSÃO FINAL.....	72
3.3- ANÁLISE DA PROPOSTA.....	78
<b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>98</b>

## 1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O projeto “LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS ATRAVÉS DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA” surgiu de minha experiência como docente e da minha trajetória acadêmica. Durante minha graduação, no Curso de Licenciatura em Letras, realizado entre 2009 e 2013, sempre me envolvi em projetos de pesquisa e extensão que priorizavam novos métodos para trabalhar a literatura em sala de aula. Acredito que os textos literários são fundamentais para a formação de alunos críticos porque neles a língua<sup>1</sup> é tratada na sua maior potencialidade (Bakhtin, 2006). Como leitora, aprendi com os grandes nomes da literatura a importância de saber usar a língua, de ser criativa e que é necessário escrever para ser lida, para ser admirada ou criticada. Tal certeza me levou a começar a escrever e, para que meus textos fossem lidos, produzi um *blog*<sup>2</sup>. A ideia inicial era escrever a cada dia uma palavra que me atormentava, mas a interatividade com os leitores mudou o perfil inicial do blog e passei a postar palavras sugeridas por amigos que acompanhavam o diário.

Quando procurei orientação sobre meu futuro trabalho de conclusão de curso, o professor orientador sugeriu aproveitar a produção e fazer a análise reflexiva do blog ([www.palavrasqueatormentam.blogspot.com.br](http://www.palavrasqueatormentam.blogspot.com.br)) e a recuperação da história da escrita do “eu”. Tal proposta me levou a refletir sobre a escrita e sobre meu percurso, mas também me fez ver que essa prática poderia ser uma excelente ferramenta para auxiliar na minha função de educadora.

As tecnologias e a internet podem ser fundamentais para o ensino e para a formação de leitores; além disso, essas ferramentas intensificam a comunicação e abrem portas para novas configurações dos sujeitos e de seus saberes. Assim, a literatura e a(s) tecnologia(s) são transformadas e

---

<sup>1</sup> A Língua não é neutra, é lugar de embates ideológicos, conforme nos aponta Bakhtin. BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

<sup>2</sup> Produzir Blogs é muito comum entre os usuários da internet. Há blogs dos mais diversos temas e construí-los não exige nenhum conhecimento aprofundado de HTML ou de programação. Com o mínimo de conhecimento de informática e de posse do conteúdo (sejam escritos, imagens, vídeos, etc.) já é possível lançar *posts* e disponibilizá-los para “seguidores”. Em uma tradução livre, poderíamos conceituar **blog** como um diário online. MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 18ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

transformadoras da nossa condição humana mutante, característico desse momento histórico. Ocorre que as escolas não acompanham o advento tecnológico porque a grande maioria dos professores não está preparada para lidar com as ferramentas tecnológicas (ZILBERMAN, 2009). Apesar de haver relatos de trabalhos desenvolvidos dentro da escola que envolvem os alunos e as tecnologias de modo satisfatório (ROJO, 2012), o que predomina são computadores e laboratórios sem o uso adequado (MORAN, 2010). As escolas deveriam incorporar as tecnologias e emprega-las para auxiliar a formação dos discentes, ou seja, deveriam promover o diálogo entre a tradição e a modernidade. Em meu artigo de conclusão da Especialização em Metodologias de ensino de Línguas e Literaturas (Pós MELL), sugeri uma metodologia que auxilie o professor para a formação de leitores utilizando as tecnologias acessíveis nas instituições e os textos literários. Assim, desenvolvi o esboço da proposta que detalho neste trabalho.

As escolas públicas estaduais na cidade de Jaguarão – RS, fronteira com Ríó Branco – Uruguai, possuem laboratório de informática e os alunos do Ensino Fundamental já receberão seus *notebooks*<sup>3</sup>. Trabalhei como monitora de oficinas de informática no projeto de Educação Integral no ano de 2013<sup>4</sup>. Essa experiência tinha como um dos focos o letramento digital, conforme pautavam o passo-a-passo do Programa Mais Educação<sup>5</sup>, mas não o abordava conjuntamente com a leitura literária. Nesse sentido, minha paixão pela literatura, a experiência com as tecnologias e minha profissão de educadora serviram de mote para a formulação da proposta “Blogados na Literatura”.

Observei, no período em que fui monitora das oficinas de informática no projeto de educação integral “Mais Educação”, que as tecnologias e a literatura

---

<sup>3</sup> Projeto Província de São Pedro – cada aluno do Ensino Fundamental recebe um netbook do governo estadual para auxiliar em seus estudos.  
[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/proj\\_provincia.jsp](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/proj_provincia.jsp)

<sup>4</sup> Projeto Mais Educação- desenvolvido no turno inverso- para os estudantes do 1º ao 5º ano do Instituto Estadual de Educação Espírito Santo – Jaguarão/RS.

<sup>5</sup> Material em PDF disponibilizado em:  
[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso\\_maieducacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maieducacao.pdf)

podiam andar juntas; percebia que os alunos interagiam e se ajudavam nas descobertas e uso das tecnologias. Criei, então, um blog (<http://www.literaturapoesiaeducacao.blogspot.com.br>) para observar se esse movimento também se daria com relação às leituras literárias através do *blog*. Utilizávamos também uma página no *facebook*<sup>6</sup> para que eu pudesse observar como eles interagiam ([www.facebook.com/maiseducieees](http://www.facebook.com/maiseducieees)); postávamos fotos e temas de discussão do grupo.

Essa utilização da página no facebook foi feita em um curto espaço de tempo (dois meses), já o *blog* foi utilizado por um tempo maior (aproximadamente seis meses). Com essa experiência detectei alguns pontos positivos e negativos, o que me ajudou a amadurecer a ideia. Encontrei algumas dificuldades na efetivação da proposta, a primeira foi que a internet do laboratório de informática da escola não tinha a capacidade necessária; a segunda dificuldade foi o fato de que a maioria dos computadores do recinto estava praticamente obsoletos e essas dificuldades acabavam interferindo no andamento do trabalho. Todos os alunos queriam sentar-se aos computadores mais modernos que propiciavam maior velocidade nas atividades. Se o projeto fosse aplicado hoje, creio que isso não seria mais uma dificuldade, visto que os alunos do Ensino Fundamental receberam cada um seu *netbook*.

Outra dificuldade foi pensar que textos escolher. O que trabalhar no blog? Poesia ou textos mais longos? Clássicos? Contemporâneos? Autores locais? Acabei fazendo algumas experimentações utilizando tanto poesias quanto textos mais longos, como os contos. Vale destacar que umas das postagens que os alunos mais gostaram foi um poema da Cecília Meireles, “A Língua do Nhem”. Além do poema, eu postei um vídeo animado com o poema musicado e os participantes gostaram tanto que cantavam o poema musicado. Pude perceber que posts com imagens, vídeos e canções são mais atrativos para eles e motivadores para a leitura literária.

---

<sup>6</sup> O Facebook é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. A ferramenta criada em 2004 pelos americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hufghes e pelo brasileiro Eduardo Saverin também permite que você receba as novidades das páginas comerciais das quais gostar, como veículos de comunicação ou empresas. [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

Quando havia um *post* novo no *blog*, todos queriam acessar logo, comentar e debater o tema. Assim percebi outra dificuldade, além das já apontadas: para que se poste um comentário em um blog, é necessária uma conta de e-mail, os alunos não possuíam uma conta por diversos fatores: eram menores de idade, não tinham internet em casa, etc. Teria que fazer uma autorização para que os pais assinassem, permitindo a criação da conta e a veiculação dos comentários dos alunos. Optei por uma solução momentânea e, com a autorização da coordenação do projeto, todos utilizavam minha conta de email e apenas se identificavam nos comentários postados pelo nome e a turma a que pertenciam.

Ao nos dispormos a uma experiência como essa, que, de certa forma, se apresenta como algo inovador e que não é muito comum na escola, percebe-se que vamos encontrando algumas dificuldades ao longo do percurso e é na prática que os acontecimentos vão se elucidando e nos mostrando que não é tão fácil como em nossa ideia inicial. Porém, isso não foi um empecilho para mim, ao contrário, foi motivador refletir sobre essas questões, pensar em como aprimorar a ideia e montar um projeto que, implementasse, analisasse e refletisse sobre sua prática. Creio que esse é o papel do educador, experimentar novos métodos, aproveitar novos espaços, refletir sobre essas experiências e tentar aprimora-las.

Considerando esses relatos e experiências, comecei a amadurecer a ideia e formatá-la para este projeto de mestrado. O objetivo desta dissertação é analisar e refletir criticamente sobre a experiência docente de aplicação da proposta metodológica que trabalha a leitura de textos literários utilizando as ferramentas tecnológicas para formar uma comunidade leitora no espaço da Educação Integral.

Neste sentido, temos como objetivos específicos: explorar o projeto piloto da proposta metodológica que foi aplicado no espaço da Educação Integral do Instituto Estadual de Educação Espírito Santo – Jaguarão/RS<sup>7</sup>; e

---

<sup>7</sup> É necessário esclarecer que além da análise do projeto piloto, tínhamos como objetivo aplicar novamente a proposta já com suas alterações e adaptações no ano de 2015. Isto não foi

avaliar os efeitos dessa aplicação, refletindo e buscando a construção de novos conhecimentos que possam ajudar outros educadores em suas práticas dentro da escola.

Este trabalho se justifica na inquietação que nasce dos muitos discursos circulantes na escola e na mídia sobre a decadência da leitura, sobre a necessidade da inserção das ferramentas tecnológicas na aprendizagem. Por tudo isso, muitos profissionais, pesquisadores e estudiosos da área de Letras voltam seus olhares para novas possibilidades metodológicas de trabalhar a leitura em sala de aula utilizando as ferramentas tecnológicas.

Nesse sentido, investiguei autores que já tenham escrito sobre o tema da leitura de textos literários utilizando as ferramentas tecnológicas. Encontrei, no banco de teses da CAPES diversas pesquisas, contudo, duas pesquisas desenvolvidas em Programas de Mestrados no Brasil chamaram-me a atenção. Uma da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ano de 2011, que tem por título “O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LITERATURA EM MEIO DIGITAL: EXPERIÊNCIAS”. A autora, Rosilei Girardello, examina a incidência das inovações advindas dos avanços tecnológicos incidem sobre os processos de veiculação do conhecimento. Seu trabalho concentra-se em investigar a leitura de obras literárias em tela ou, ainda, em ambiente suportado por tecnologia digital<sup>8</sup>. Observa assim, o processo de leitura de cada aluno, suas preferências e propõe caminhos ainda pouco explorados no ensino de literatura.

A autora expõe que foram trabalhados clássicos da literatura brasileira com alunos da universidade. E considera que os alunos já têm por hábito acessar jornais, revistas, redes sociais, enfim, pequenas leituras pela internet. Porém, leituras mais extensas ou literárias ficam mais associadas ao impresso. Este é um dos fatores que merece atenção em nossa intervenção, observar

---

possível, visto que com os cortes de verbas em todas as instâncias (federal, estadual e municipal) não foi possível manter o projeto “Mais Educação” na escola.

<sup>8</sup> Considera-se como ambiente suportado por tecnologia digital aquele ambiente online que aproveita as capacidades da internet para comunicação e distribuição de conteúdos.

como os leitores reagem à leitura mais extensa através das ferramentas tecnológicas.

A outra dissertação de mestrado é da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), do ano de 2012. Tem por título “AS AVENTURAS DE LÁZARO NAS TERRAS DO SEM FIM: O LER NO CIBERESPAÇO”, da autora Helem Alves Viana. A dissertação discute a literatura, o livro e suas transformações frente às novas tecnologias. Evidencia o trabalho com blogs, que é uma das ferramentas que pretendemos utilizar em nossa proposta.

A autora destaca que um dos maiores desafios, atualmente, é pesquisar sobre o livro digital. E a importância de a escola abrir espaço para outros modos de compenetração na fantasia, com a presença de imagens, música, interação, fatores característicos do ciberespaço. Nosso ensejo de criar uma comunidade leitora multiletrada que utilize o ciberespaço vem ao encontro de algumas proposições de Viana (2012).

Nossa proposta, conforme Bogdan & Biklen (1994), quanto à abordagem é qualitativa, pois a fonte é o ambiente natural escolar, nossos dados são descritivos, recolhidos em forma de palavras ou imagens e buscamos aprofundar a compreensão e reflexão sobre a aplicação do projeto; quanto à natureza é uma pesquisa aplicada<sup>9</sup>, pois focamos no processo, que nos interessa mais do que resultados ou produtos. Quanto aos objetivos tem aspectos de pesquisa exploratória, pois procuramos desvelar o problema e lançar hipóteses. Quanto aos procedimentos tem aspectos da pesquisa-ação, já que buscamos transformar uma realidade por meio de ações planejadas. Nesse sentido, como resultado desse processo apresentamos uma metodologia para trabalhar a leitura literária através da ferramenta blog (Blogados na Literatura). Nossa análise dos dados se dá de forma indutiva, embasada nos conceitos dos autores aqui mencionados, priorizando a significação que nossa proposta leva para os alunos participantes.

---

<sup>9</sup> A pesquisa aplicada objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais. <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

Começamos com os estudos bibliográficos que nos dão subsídios para compreender que nosso trabalho tem o intuito de produzir mudanças, porque queremos interferir em uma realidade. Portanto, observa-se o caráter de pesquisa-ação que tem o professor à frente do papel de pesquisador. Este fato exige uma maior atenção e a necessidade de um constante diálogo com o referencial teórico. Só assim abrimos a possibilidade de produzir conhecimento, como aponta Damiani (2013).

Para a criação da proposta metodológica primeiramente foi necessário que eu vivenciasse as experiências, que relato neste trabalho, unindo a literatura, as tecnologias e o espaço da educação integral. Após meus encontros com minha orientadora, fomos buscar os autores que dialogassem com essa pesquisa. Na pesquisa bibliográfica priorizamos autores que vão ao encontro dos nossos objetivos e proposições para construir novos conhecimentos com essa dissertação.

Para fundamentar nossa pesquisa utilizamos Colomer (2007) para tratar da leitura literária na escola; Lévy (2008) para abordar a cibercultura; Moran (2010) para aludir sobre as tecnologias na escola; e a questão dos caminhos que a Educação Integral oferece foi examinada à luz dos estudos desenvolvidos e organizados por Moll (2012).

Na análise da proposta metodológica, necessitávamos estabelecer os instrumentos de coleta dos dados para nosso trabalho. Escolhemos o blog do projeto piloto, que possui todos os textos trabalhados e os registros dos comentários dos alunos. Outro instrumento de coleta importante foi meu diário de campo, que possui todas as anotações referentes aos nossos encontros (aplicação do projeto piloto) e tudo que foi observado e registrado. Esses dados foram compilados juntamente com o aporte teórico para que pudéssemos evidenciar as descobertas deste trabalho.

Esta dissertação está estruturada em quatro seções: nas CONSIDERAÇÕES INICIAIS, relatamos brevemente a trajetória do trabalho e suas motivações; nos PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, trazemos as proposições que embasam nossas reflexões; posteriormente, na seção PROPOSTA DE

LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INTEGRAL, tratamos da origem da proposta, sua aplicação e análise; e, por fim, nas CONSIDERAÇÕES FINAIS desvelamos os achados da proposta metodológica.

Acreditamos que este estudo contribui com os profissionais da educação que buscam novas metodologias para trabalhar em sala de aula. Trazemos uma experiência prática, que, unida ao aporte teórico, origina uma proposta metodológica (Blogados na Literatura) capaz de auxiliar os professores que queiram trabalhar com leitura literária.

## **2- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de três eixos temáticos. O primeiro é “A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA”, no qual discutimos sobre a importância da leitura literária dentro da escola, dialogando com os seguintes autores: Colomer (2007); Zilberman & Rösing (2009); Paulino & Cosson (2009); Bakhtin (2006); Fiorin (2004); Cosson (2012) e Estévez (2011).

No segundo eixo, temos “A TECNOLOGIA NA ESCOLA” e dialogamos com Moran (2010); Lévy (2008); Castells (1999); Bauman (2008) e Lemos (2010) para melhor compreender o sujeito pós-moderno que vivencia o ciberespaço e como essas tecnologias penetram na escola. Já no terceiro eixo, “A EDUCAÇÃO INTEGRAL”, buscamos compreender os caminhos proporcionados pela Educação Integral no Brasil partindo de Moll [et al.] (2012); Limonta [et al.] (2013).

Nossa concepção de ensino e aprendizagem parte de teóricos como Vygotsky, (1998) e Moreira (1999) que traz a teoria de aprendizagem significativa<sup>10</sup> de David Ausubel. Para pensar em avaliação da aprendizagem escolar, partimos de Luckesi (2011). E nossa concepção de língua parte de Bakhtin (2006). Nesta seção, apresentamos os estudos de nosso referencial teórico que sustenta nossa dissertação.

## 2.1- A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A escola é um espaço resistente às mudanças metodológicas, às transformações. Os meios de comunicação se expandiram, principalmente os suportes eletrônicos e digitais, como alertam Zilberman & Rösing (2009), mas, apesar da presença de computadores, não há o aproveitamento dessa tecnologia para uma prática educativa na grande maioria dos colégios. Os impressos cada vez mais perdem espaço para outros meios de veiculação de textos, como a internet, por exemplo. Zilberman & Rösing (2009) explicam que

---

<sup>10</sup> [www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf](http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf)

a globalização e o neoliberalismo acabaram impondo outras formas de financiamento da cultura que, muitas vezes, é deixada de lado pelo Estado:

Tudo o que mudou parece ter mudado para melhor – menos a escola, com suas consequências: a aprendizagem dos alunos, a situação do professor, as políticas públicas dirigidas à educação. Onde deveria reinar a mesma euforia, predomina a desolação, o desestímulo, o sentimento de fracasso e decepção. (ZILBERMAN & RÖSING, 2009, p.13)

Os problemas educacionais continuam e se somam novas razões a essas antigas queixas. Performances negativas nas avaliações da educação (PISA, SAEB<sup>11</sup>) demonstram que a escola parece não saber lidar com os desafios tecnológicos e científicos dos novos tempos, que fazem parte da vida cotidiana dos jovens. Paira o questionamento relativo à leitura: “que tipo de leitura caberia à escola estimular?” (ZILBERMAN & RÖSING, 2009, p.13).

Zilberman & Rösing (2009) defendem que a literatura, as obras de ficção e de poesia, se sobressaem em relação a outras espécies de textos no que diz respeito à expressão escrita, já que sobrepuja e sintetiza as demais formas de expressão. Ocorre que, no ensino, há uma permanência na ênfase da gramática e a literatura apenas trata de nome de autores e datas. Observando as mudanças em curso, nos educandos, nota-se que os enfoques e perspectivas se ampliaram. Nesse sentido, não devemos virar as costas para o caminho já percorrido, mas sim buscar alternativas para ajustar-se aos novos tempos e atingir as metas desejadas.

Segundo Zilberman (2009), as pessoas que poderiam vir a ser leitores da literatura apresentam características bem específicas que não combinam somente com o consumo de textos impressos, mas também os visuais, os auditivos, etc. O que vai ao encontro da ideia que “os suportes da literatura são flexíveis e mutáveis, adaptando-se às novas condições”(ZILBERMAN, 2009

---

<sup>11</sup>O PISA- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. ([portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos](http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos)). O SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica, conforme estabelece a Portaria n.º 931, de 21 de março de 2005, é composto por dois processos: a Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb) e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc). ([portal.inep.gov.br/saeb](http://portal.inep.gov.br/saeb))

p.29). Um enfoque no qual leitura e escola recorreriam à literatura para rever caminhos e reavaliar propósitos.

[...] a obra de ficção avulta como modelo por excelência da leitura. Sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada; ao contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e das figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche essas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor. (ZILBERMAN, 2009, p.33)

Neste sentido, a escola não poderia romper com essas relações que a literatura propõe, pois corre o risco de abortar sua principal missão de formar cidadãos participativos, críticos e conscientes de seu papel dentro da sociedade. Se a escola se mostrar aberta a esse diálogo que a literatura proporciona, dará um papel mais ativo para o aluno e, em contrapartida, tira o peso dos ombros do professor de ter que saber certezas e verdades absolutas. Para isso, o professor também deve estar mais flexível para o diálogo.

É necessário que o professor tenha clareza em suas concepções e conceitos. Para nossa proposta metodológica, adotamos a concepção interacionista na qual o sujeito da aprendizagem, o aluno, aprende mais e de maneira significativa quando estabelece relações com o objeto de conhecimento, com o professor e com seus colegas.

A teoria sócio interacionista<sup>12</sup>, de Lev Vygotsky entende o ensino como processo social, ou seja, a aprendizagem ocorre principalmente nas relações de troca entre o grupo e professor. Para David Ausubel, aprender significativamente é ampliar e reconfigurar as ideias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos. Quanto maior o número de ligações feitas, maior será a capacidade do aluno de consolidar o conhecimento. A teoria destaca que devemos levar em conta a história do aluno e que o papel do professor é propor situações e atividades que favoreçam a aprendizagem.

Outro referencial importante é o que refere-se aos multiletramentos como “as competências complexas voltadas para o processo de construção de sentidos” (PAULINO & COSSON, 2009, p.66), os autores entendem que os

---

<sup>12</sup> VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

alunos devem estar envolvidos no processo de compreensão de seu mundo e o desenvolvimento de suas próprias capacidades de influenciar e modificar seu contexto. Os significados construídos não dependem somente do que está dito ou escrito, mas também das condições e dos interesses dos envolvidos nessa apropriação.

É primordial que os alunos percebam que a língua não é neutra (Bakhtin, 2006), que nossos discursos são atravessados por outros discursos e dotados de ideologia. Assim, para formar cidadãos leitores do mundo, para que nele se posicionem e o transformem, faz-se necessário penetrar na epifania<sup>13</sup> da palavra e, como nos diz Fiorin (2004), também despertá-los para o poder da palavra.

Os textos literários rompem com a realidade cotidiana e nos transportam a outras realidades, proporcionando o exercício da imaginação, que muitas vezes, nos é roubado na escola. Nesse sentido, a leitura literária possibilita experiências significativas e criativas que ampliam a visão dos alunos, sendo importante se aproximar primeiramente das experiências que os alunos já possuem para posteriormente tratar da tradição literária. Formar leitores e mantê-los exige tato e sensibilidade nas escolhas das obras. Através da nossa proposta metodológica, buscamos trabalhar a leitura significativa de algo que não foge ao contexto do público alvo, aproximando-os deste universo literário.

Segundo Paulino & Cosson, nas relações com o texto literário, há o (re) conhecimento do outro e o movimento de desconstrução/construção do mundo. “[...] nós construímos e reconstruímos nossa identidade enquanto somos atravessados pelos textos. ” (PAULINO & COSSON, 2009, p. 69). A experiência da leitura literária faz com que dotemos de sentido o mundo e a nós mesmos. Neste ponto, percebemos a importância da literatura na escola para o desenvolvimento identitário sem perder de vista a humanização.

Acreditamos na literatura como uma ferramenta humanizadora (COSSON, 2012) que amplia a visão e conhecimento de mundo, proporciona

---

<sup>13</sup> As palavras quando saem de seu estado de dicionário se revelam, mostram que possuem corpo e alma capazes de nos despertar sensações, experienciamos sua dimensão estética, a epifania, uma revelação. Como vemos em: TREVISAN, Armino. Vamos aprender poesia? Porto Alegre: AGE, 2008.

aos alunos maiores habilidades na leitura e escrita. Pensando na língua como forma de empoderamento, e na literatura como fonte de experiências estéticas humanizadoras (Estévez, 2011), propusemos este trabalho no intento de aproximar nossos alunos da literatura, formando o gosto e a visão crítica. A ideia é ampliar o leque de possibilidades de leituras, visando o crescimento e a construção de novos conhecimentos para nossos alunos, mostrando-lhes a riqueza que a língua nos proporciona.

Segundo Colomer (2007), atualmente o debate sobre os adolescentes e as leituras ganhou força. A autora alerta que as formas de entretenimento e informação mudaram bastante, o que em outras épocas era propiciado pela literatura, foi assumido pelos meios de comunicação de massa e pelas novas tecnologias.

Devido a estas mudanças o sistema literário como tal teve que posicionar seu espaço e sua função social em relação aos novos sistemas culturais e artísticos. Não é, portanto, estranho que o ensino de literatura ficasse profundamente afetado pelo fato de que as ideias sociais a respeito de sua função e aos hábitos de consumo cultural – incluídas as dos próprios alunos – se tornassem diferentes daquelas assumidas pelas gerações anteriores. (COLOMER, 2007, p.22)

Sendo assim, essas questões também afetam a escola onde circulam fortemente os discursos tecnológicos e científicos, desprestigiando a tradição das humanas como disciplinas formadoras das elites sociais. Colomer fala da ruptura do consenso sobre a importância da aprendizagem literária e se questiona sobre os efeitos que a leitura pode sofrer com as novas tecnologias.

A autora traz Chartier e Hébrard para aludir ao embate: de um lado temos uma visão escolar sobre a leitura como formação progressiva e de outro um discurso moderno de democratização da leitura liberta de regras formativas. A escola mudou seus objetivos e o uso dos livros, com a diversificação dos materiais escolares, incluíram a leitura de textos como jornais, revistas, publicidade, etc. Leituras mais ligadas ao uso social. Por um lado, houve progressos nas reflexões sobre o que é literatura e o que é saber literatura; por outro, houve mudanças nos processos de ensino e aprendizagem. Portanto mudou a visão sobre qual a melhor forma de ensino na área, segundo Colomer (2007).

Vemos, como aponta a autora, que a atenção da teoria literária se deslocou do autor para o texto e mais tarde se ampliou em duas direções. Por um lado, se amplia em direção aos fatores externos do sistema literário; e por outro em direção aos fatores internos da construção de significados por parte do leitor, como fazem as teorias da recepção. Colomer explica que a escola necessita de novas perspectivas sobre o sentido da leitura literária.

[...] as formas de representação da realidade que achamos na literatura – em todas as variedades que a constituem: representações miméticas, paródicas, míticas, etc. – projetam uma luz sobre o mundo conhecido, que reinterpreta para o leitor a forma habitual de entendê-lo. Assim, o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura. Esta ideia básica contribui para a nova argumentação sobre a importância da literatura no processo educativo. (COLOMER, 2007, p.27)

Também outros teóricos como Vygotsky já destacavam que os jogos e a linguagem “representam os mais fundamentais desígnios humanos para transcender o aqui e agora e construir os modelos simbólicos que permitam compreender a realidade.” (COLOMER, 2007, p.27). Sendo assim, a escola não pode desviar seu olhar sobre a importância desses sistemas culturais e simbólicos que expressam a experiência humana e é através deles que compreendemos a vida e o mundo que nos cerca.

## 2.2- A TECNOLOGIA NA ESCOLA

As tecnologias chegam como mais uma maneira para a publicação de reflexões e pensamentos. Um *blog*, nesse sentido, é um espaço gratuito que pode ser utilizado pelos alunos em sala de aula. As redes sociais e aplicativos para comunicação via celular, além de monopolizarem a preferência dos jovens, podem tornar-se ótimas ferramentas para debates e trocas de reflexões na escola. Para Castells (1999), há uma redefinição dos critérios de valor e significado, o que acaba diminuindo os espaços tanto para os não iniciados na computação quanto para os que não têm condições de consumo. Nesse sentido, a escola pode, dentro das suas possibilidades tecnológicas, proporcionar a esses alunos alguma iniciação nesse universo virtual.

Concordamos com Barry Wellman que nos lembra que “as ‘comunidades virtuais’ não precisam opor-se às ‘comunidades físicas’: são formas diferentes de comunidade, com leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade” (CASTELLS, 1999, p. 444). Claro que sempre existem as exceções, mas isso não compromete essa interação entre as diferentes formas de comunidades da contemporaneidade. E o fato de desenvolver trabalhos nesse espaço virtual escolar não exclui outros trabalhos presencial em sala de aula.

A rede consegue pulverizar as distâncias, com custo reduzido, permite disseminar a comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal, facilitando afiliações múltiplas. No espaço virtual nos identificamos, transformamos e construímos, de certa forma, uma identidade. Não há como a escola ignorar essas transformações que acompanham os frequentadores de seus bancos.

Para Bauman (2008), no mundo globalizado devemos chamar de identificação e não mais identidades herdadas, adquiridas. Há uma incompletude que nunca acaba e todos nós estamos engajados nesse processo de constante criação. Nessa mesma linha, Castells (1999B) afirma que tanto o nosso mundo quanto a nossa vida, “vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede.” (CASTELLS, 1999B, p.17). Essa afirmação demonstra que a tecnologia constrói também identificações porque liga pessoas e amplia a noção de espaço social.

Bauman (2008) defende que não é a educação a causa, mas ela também é consequência da dissolução das identidades que está em meio à globalização e a fragmentação da vida e do indivíduo.

A busca febril por uma nova autodefinição e, idealmente, também uma nova identidade, tem pouco a ver com as faltas, os erros e a negligência dos pedagogos profissionais, tampouco com os fracassos da teoria educacional. Estão relacionados com a dissolução universal das identidades, com a desregulamentação e a privatização dos processos de formação de identidade, com a dispersão das autoridades, a polifonia das mensagens de valor e a subsequente

fragmentação da vida que caracteriza o mundo em que vivemos - o mundo que prefiro chamar de pós-moderno. (BAUMAN, 2008, p. 163)

Nesse mundo multifacetado e episódico fica difícil para as instituições de ensino se adaptarem e encontrarem sentido, pois vivenciam um tempo linear e progressivo. Para Bauman, a modernidade acabou com a eternidade e a pós-modernidade terminou com a progressividade. Ao longo do tempo, a intelectualidade era medida pelo número de discípulos que o mestre possuía; posteriormente uma maneira de ser uma autoridade em algum tema era verificar o número de exemplares vendidos e também o que a crítica apontava. Atualmente essas formas estão perdendo espaço.

O que antes era chamado de determinação da posição social torna-se hoje, uma autodeterminação compulsiva. “O sucesso na vida dos homens e mulheres pós-modernos depende da velocidade com que conseguem se livrar de hábitos antigos, mais do que da rapidez com que adquirem novos. ” (BAUMAN, 2008, p.161). Percebemos assim que o indivíduo está exposto a pós-modernidade e a uma nova configuração de tempo e espaço, o Ciberespaço (Lemos, 2010).

Para Lemos (2010), a pós-modernidade é o terreno de desenvolvimento da cibercultura que se caracteriza por uma condição sociocultural que se inscreve em uma cena de pânico, intuindo uma nova forma de relação espaço-temporal. A escola parece não acompanhar as mudanças e não há como ignorar a forte transformação cultural (espaço-temporal) que, conforme o autor, está em marcha desde a década de 1970 com a estabilização da cultura de massa.

A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura. Hoje podemos dizer que uma verdadeira estética do social cresce sob nossos olhos, alimentada pelas tecnologias do ciberespaço. (LEMOS, 2010, p.15-16)

Para pensar em aulas que não desconsiderem as mudanças ocorridas com as novas tecnologias e que unam tecnologia e literatura, tornando o ensino mais atrativo para os alunos, é importante que reconheçamos as *home pages* da internet como espaços potenciais de aprendizagem. Apesar de não

nos colocamos mais como leitores de um livro ou espectadores das formas clássicas do espetáculo, pois nesses espaços devemos, para que haja acontecimento, ver e interagir, simultaneamente, com a obra, é justamente essa interatividade que favorece e potencializa as trocas e o conhecimento dinâmico.

Segundo Lemos (2010), “As comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas.” (LEMOS, 2010, p. 87). Assim ao aliarmos as tecnologias e as artes formamos o que autor chama de ciberarte. Ela aproveita o potencial das novas tecnologias para explorar os processos de hibridação da cibercultura contemporânea. A tecnologia digital rompe com o modo de conceber a informação e também com a maneira de difundi-la.

Nossa proposta metodológica se fundamenta no que aponta Lévy (2008). Os jovens estão motivados e prontos para experimentar novas experiências de comunicação e produção de conhecimento no ciberespaço. Resta, a nós professores, sermos os mediadores desse processo e explorarmos as potencialidades desse espaço de forma positiva e criativa.

Sabemos que muito se debate sobre o tema das tecnologias na escola no âmbito acadêmico. Há divisão nos discursos que apontam vantagens e também as desvantagens. Concordamos com o que Lévy (2008) aponta, pois

[...] a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (LÉVY, 2008, p. 12).

Não podemos ignorar, principalmente na escola, que o ciberespaço e dentro dele a cibercultura expressam o surgimento de um novo universal, pois se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Lévy (2008) define o ciberespaço como rede e diz ser o novo meio de comunicação que nasce da interconexão mundial dos computadores. Já a cibercultura, para o autor, é um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, formas de pensar, e também valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço.

Se ciberespaço e cibercultura surgem em meio aos novos avanços tecnológicos e se as tecnologias são produzidas por uma sociedade, fazem parte da sua cultura, a escola, por mais que ainda não se sinta à vontade, deve utilizar essas oportunidades tecnológicas de forma inteligente e produtiva. Os jovens querem se expressar, cabe a nós educadores aproveitarmos as tecnologias de forma a proporcionar aos alunos novos métodos de estudo e de busca pelo conhecimento, esquecendo aquela imagem do professor como detentor do conhecimento, e sim assumir o papel de mediador, deixando que o aluno pense mais e seja mais protagonista da construção do seu conhecimento.

“A emergência do ciberespaço traduz e favorece uma evolução geral da civilização. ” (LÉVY, 2008, p.25). Todavia, temos de estar atentos e perceber, como destaca o autor, que o crescimento do ciberespaço não nos garante e não determina o desenvolvimento de uma inteligência coletiva, se não for bem utilizado, o ciberespaço pode significar dispersão e superficialidade, pois apenas fornece um ambiente propício e nós somos autores do que vamos construir nesse espaço. Portanto, o papel do professor como mediador é primordial para garantir que os novos navegantes não se percam pelo caminho.

A palavra “virtual” assusta os que não nasceram nessa geração tecnológica. Lévy (2008) enfatiza que “virtual pode ser compreendido em três sentidos: um técnico, um de uso corrente, e um filosófico.

O fascínio suscitado pela “realidade virtual” decorre em boa parte da confusão entre esses três sentidos. Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo das forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está virtualmente presente no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade. Mas no uso corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade – enquanto a “realidade” pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. A expressão “realidade virtual” soa então como um oxímoro, um passe de mágica misterioso. (LÉVY, 2008, p. 47)

Entendemos então que o virtual é capaz de proporcionar diversas manifestações concretas em momentos e locais diferentes, mas sem se fixar em lugar ou tempo específico. O ciberespaço se constitui em sistema de

sistemas, por tudo isso, é o sistema do caos, um labirinto móvel, em expansão. Esse sistema da desordem é chamado por Lévy de “universal sem totalidade”.

Com relação a escrita, Lévy (2008) aponta as grandes transformações das mídias quando temos a passagem das culturas orais para as culturas da escrita e do impresso. E com a emergência do ciberespaço temos um efeito radical sobre a pragmática das comunicações. Mesmo sendo considerado um fenômeno técnico por muitos, o autor fala do ciberespaço como um movimento social.

[...] a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes. (LÉVY, 2008, p.123).

Lévy (2008) ainda destaca que as comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública, sem substituir os encontros físicos, não há uma relação de substituição. O desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha todo tipo de contato e interação. Isso desmitifica a imagem do sujeito isolado na frente do seu computador.

Segundo Lévy (2008) todos reconhecem que o melhor que podemos fazer com o ciberespaço é “colocar em sinergia os saberes, as imaginações” p.131. Neste sentido, tocamos no problema da inteligência coletiva, que por sua complexidade o autor vê como uma potencial comunidade virtual que tem como base a interconexão.

Lévy destaca que uma das características mais constantes da ciberarte é a participação nas obras daqueles que as provam, interpretam, exploram ou leem. Essa participação não se detém apenas na construção de sentidos possíveis, mas sim uma participação mais atuante como coprodutor da obra. O espectador intervém nos acontecimentos.

“O gênero canônico da cibercultura é o mundo virtual.” (LÉVY, 2008, p.145). Podemos notar dois tipos de mundos virtuais: aqueles que são limitados e editados, os CD-ROM ou outras produções “fechadas” (off-line); e

aqueles acessíveis através de uma rede, aberto à interação, à transformação e à conexão com outros mundos virtuais (on-line).

Os mundos virtuais não substituirão os antigos, apenas irão acrescentar-se ao patrimônio da civilização, concomitantemente modificam e influenciam na economia da comunicação e no sistema das artes (LÉVY, 2008). É possível perceber que

Mesmo agora, muitas obras da cibercultura não possuem limites nítidos. São “obras abertas”, não apenas porque admitem uma multiplicidade de interpretações, mas sobretudo porque são fisicamente acolhedoras para a imersão ativa de um explorador e materialmente interpenetradas nas outras obras da rede. (LÉVY, 2008, p. 147).

Certamente que conforme o grau dessa abertura ao espectador a obra será mais tipicamente da cibercultura e menos uma obra no sentido clássico da palavra. E é justamente neste ponto que nossa pesquisa atua, refletindo as possibilidades de ligação das ferramentas tecnológicas desse mundo virtual com as obras literárias. Queremos observar se são possíveis novos métodos para trabalhar a literatura em meio a esse turbilhão virtual que é o ciberespaço.

“O texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e fragmentos: transmuta-se em hipertexto, e os hipertextos conectam-se para formar o plano hipertextual indefinidamente aberto e móvel da Web.” (LÉVY, 2008, p. 149). Nesse trecho, percebemos que há uma nova concepção de texto nesse universo virtual que não combina com aquela concepção escolar de algo linear e estático. O educador pode aproveitar essa amplitude de possibilidades para enriquecer ainda mais as leituras dos educandos.

Lévy, no entanto, alerta que não devemos temer essas criações coletivas que se apresentam na cibercultura, tendo em vista que já na antiguidade viam-se constantemente esse tipo de obras, em que não se sabia exatamente a autoria. Na mitologia grega, na própria bíblia, Lévy considera que são textos precursores do hipertexto. A diferença está na evolução tecnológica que ocorreu de lá para cá.

Estabelece-se uma nova relação com o saber. E para o autor qualquer reflexão sobre a educação e formação na cibercultura deve considerar as

mudanças contemporâneas das relações com o saber. Lévy explica que vivemos um momento que nossa formação tem de ser constantemente atualizada, pois rapidamente fica obsoleta. Portanto, trabalhar está cada vez mais ligado a aprender e produzir novos conhecimentos.

O ciberespaço comporta tecnologias intelectuais que favorecem:

-Novas formas de acesso à informação (pesquisa, navegação, softwares, mapas);

-Novos estilos de raciocínio (simulação);

Com isso, Lévy ressalta que devemos criar espaços de conhecimento abertos, em fluxo, não lineares, assim se organizam de acordo com o contexto e objetivos. Para o autor duas grandes reformas devem ser consideradas no plano da educação e formação: primeiramente uma ênfase na EAD (ensino aberto e a distância); e principalmente um novo estilo pedagógico que enfatize aprendizagens personalizadas e coletivas, em rede. Assim o professor torna-se um animador da inteligência coletiva de seus alunos. O conhecimento passa a ser intotalizável, indomável (LÉVY, 2008).

As metáforas centrais da relação com o saber são hoje, portanto, a navegação e o surfe, que implicam uma capacidade de enfrentar as ondas, redemoinhos, as correntes e os ventos contrários em uma extensão plana, sem fronteiras e em constante mudança. Em contrapartida, as velhas metáforas da pirâmide (escalar a pirâmide do saber) da escala ou do cursus (já totalmente traçado) trazem o cheiro das hierarquias imóveis de antigamente. (LÉVY, 2008, p. 161)

Ainda destaca que o saber não deve ser concebido como algo transcendental, pois se torna cada vez mais visível e tangível, em tempo real, exprime uma população. Lévy faz um comparativo entre um indivíduo que passa horas de seu dia na frente da tela do computador com um indivíduo que passar horas diante das folhas de papel de um livro. Segundo ele o fato de o texto ser apresentado na tela não muda nada, o que deve ser considerado é a qualidade do que se lê e pesquisa.

Há muitos critérios a serem considerados, não só os modos de conhecimento dependem dos suportes de informação, também os critérios de avaliação do conhecimento construído na cibercultura, pois já é visível o

declínio da escrita estática na civilização. Para Lévy o saber era transmitido pela oralidade, por verdadeiras bibliotecas vivas, cada vez que um velho morria queimava-se uma biblioteca. Com a escrita, o papel de transmissão coube aos livros. Agora é o intérprete que domina o conhecimento. O autor vê o ciberespaço como o lugar dos mundos virtuais, nele, construímos nossos objetos e nos conhecemos como coletivos inteligentes.

Lévy observa que o ciberespaço mediará essencialmente a inteligência coletiva da humanidade.

A interconexão em tempo real de todos com todos é certamente a causa da desordem. Mas é também a condição de existência de soluções práticas para os problemas de orientação e de aprendizagem no universo do saber em fluxo. De fato, essa interconexão favorece os processos de inteligência coletiva nas comunidades virtuais, e graças a isso o indivíduo se encontra menos desfavorecido frente ao caos informacional. (LÉVY, 2008, p. 167)

O autor alerta sobre o enorme crescimento quantitativo de formação que sofre mudanças qualitativas no que diz respeito a necessidade de diversificação e de personalização. Os alunos buscam por cursos cada vez mais flexíveis que correspondam às necessidades reais de suas trajetórias.

Para Lévy (2008), faz-se necessário um acompanhamento dessa mudança na civilização e não se trata de um uso desmedido das tecnologias a qualquer custo. Segundo o autor, surge a questão da estreita relação entre duas funções dos sistemas educacionais, que são o ensino e o reconhecimento dos saberes. Portanto não podemos dissociar o sistema de formação do reconhecimento dos saberes que o acompanha.

Com relação às críticas ao ciberespaço, o autor afirma que muitos são apenas cegos e conservadores, pois muitas vezes desconhecem os processos de transformações em andamento. Já que cada vez mais a apropriação dos conhecimentos se liberta das restrições impostas pelas instituições de ensino. E a aprendizagem cooperativa das comunidades virtuais vai ganhando mais espaço.

Para aprofundar as questões da tecnologia na escola, observamos o que Moran (2010) diz sobre o tema. Para o autor, o uso das tecnologias em sala de

aula amplia o espaço e o tempo estabelecendo novas ligações entre físico e virtual. Moran aponta que tanto os alunos como os professores percebem que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Sendo a educação fundamental para transformação social

Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou ideia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experienciamos, lemos, compartilhamos e sonhamos; quando aprendemos em todos os espaços em que vivemos - na família, na escola, no trabalho, no lazer, etc. Educamos aprendendo a integrar em novas sínteses o real e o imaginário; o presente e o passado olhando para o futuro; ciência, arte e técnica; razão e emoção. (MORAN, 2010, p. 13)

Também dependemos do querer dos alunos para que haja aptidão. Para Moran ainda há mais valorização do diploma do que da aprendizagem propriamente dita. Além de outros fatores como a infraestrutura inadequada.

O autor enfatiza que não devemos nos deter em uma única forma de lidar com a informação. Diversificar as leituras em momentos diferentes pode trazer bons resultados. Para motivar podemos começar pela multimídia, depois transitar pela hipertextual e, por fim, em momentos mais avançados utilizar a lógico-sequencial.

Para Moran (2010), a aquisição de informações depende cada vez menos do professor. Encontramos os dados facilmente através das tecnologias, com formas cada vez mais atraentes. Atualmente o papel do professor é de auxiliar na interpretação e seleção desses dados encontrados, guiando os alunos de forma que relacionem e contextualizem as informações novas.

Um professor atento vai aproveitar a expectativa positiva dos alunos para com as tecnologias para atraí-lo para os temas de seu planejamento pedagógico. Por exemplo, um bom vídeo pode servir para sensibilizar os alunos e despertá-los para novos temas e posteriores aprofundamentos da matéria (MORAN, 2010).

[...] o computador nos permite pesquisar, simular situações, testar conhecimentos específicos, descobrir novos conceitos, lugares, ideias. Produzir novos textos, avaliações, experiências. As possibilidades vão desde seguir algo pronto (tutorial), apoiar-se em algo semidesenhado

para completá-lo até criar algo diferente, sozinho ou com os outros.  
(MORAN, 2010, p.44)

Nossos caminhos dependem do contexto do professor. O número de alunos, tecnologias disponíveis, tempo dos encontros, quantidade de encontros, apoio da instituição, esses e outros fatores vão influenciar na produção dos novos conhecimentos.

Moran vai ao encontro de nossas ideias de pesquisa quando diz que trabalhar de forma colaborativa é uma das maneiras mais produtivas atualmente. Criar uma página, um espaço virtual onde vamos construindo e divulgando os acontecimentos das aulas pode ser uma boa solução para incentivar e motivar a participação do grupo. Desenvolver a pesquisa em grupo, a troca de resultados pode aumentar e resignificar a aprendizagem.

Para Moran devemos diferenciar informação e conhecimento, pois “conhecer é integrar a informação no nosso referencial, no nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento cria-se, constrói-se” (MORAN, 2010, p.54).

Com nosso aporte teórico percebemos que caminhamos para um novo momento no ensino presencial com tecnologias, aulas mais flexíveis, com maior participação dos alunos nas atividades, a busca por construir novos conhecimentos e formar comunidades em que se compartilhe o que foi construído. Assim motivamos os alunos a aprofundarem suas descobertas e divulgarem para que outros tenham acesso.

### 2.3- A EDUCAÇÃO INTEGRAL

Partimos da lei 10.172 que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE) e durante seus dez anos de vigência devemos cumprir suas determinações. Este plano surgiu das discussões sobre os problemas da educação em nosso país, para propor estratégias de superação. O antigo PNE 2001-2010 trouxe diagnósticos da educação em todos os seus níveis e modalidades, também propôs metas e objetivos.

No PNE 2011-2020, que foi apresentado como projeto de lei nº8.035 de 2010, temos 20 metas estruturadas em estratégias. A meta 6 é oferecer a educação integral em 50% das escolas públicas de Educação Básica, essa oferta de educação em tempo integral tem de abarcar 25% desses alunos. O tema da educação integral suscita discussões e reflexões. Neste subitem trazemos algumas delas para que possamos compreender onde se enquadra nossa proposta metodológica.

De acordo com o site do Ministério de Educação e Cultura - MEC<sup>14</sup>, notamos que, por definição, a educação é considerada integral quando contempla todas as áreas do desenvolvimento humano de forma processual e alicerçada nas relações de tempos e espaços educativos. Na subseção “Educação Integral – Texto referência para o debate nacional” vemos que há de se transformar o legal em real, portanto, não basta a legislação para que a educação integral aconteça, são necessárias ações que ponham essa legislação em prática.

O Ministério da Educação dispõe de dois programas de educação integral. Um é o Ensino *Médio Inovador – ProEMI* que visa propostas curriculares inovadoras no ensino médio, o foco é garantir a formação integral através de atividades dinâmicas que considerem as aspirações dos estudantes e também as demandas da sociedade contemporânea. O outro programa é o *Mais Educação*, que tem seu foco no ensino fundamental para oportunizar atividades que desenvolvam as múltiplas dimensões humanas. Nosso trabalho dedica-se ao projeto *Mais Educação* por ser o programa existente na escola (IEEES)<sup>15</sup>, também por considerar que após os anos iniciais se faz necessário um olhar mais atento sobre a literatura, principalmente nos anos finais do ensino fundamental.

Para entender o programa, acessamos o texto do MEC “Mais Educação passo a passo”, que expressa a necessidade de a escola romper seus muros para vivenciar a cultura, a comunidade e os diversos saberes. Esse texto é

---

<sup>14</sup> [educacaointegral.mec.gov.br](http://educacaointegral.mec.gov.br)

<sup>15</sup> Instituto Estadual de Educação Espírito Santo – Jaguarão - RS

como um manual para auxiliar a compreender e implementar o projeto. É possível entender que o *Mais Educação* é uma estratégia governamental para que se amplie o tempo do aluno na escola, para que se organize o currículo nesta perspectiva de uma educação integralizadora. O programa visa o atendimento, preferencialmente, das escolas que têm um público mais vulnerável no aspecto sócio econômico, com baixos números no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

O programa dispõe de verbas para auxiliar na implementação do *Mais Educação*. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE é que distribui o dinheiro para as escolas inscritas no Sistema Integrado de Monitoramento do Ministério da Educação – SIMEC. Destacamos que as oportunidades formativas que o *Mais Educação* oferta estão organizadas em macrocampos<sup>16</sup>: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde, comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

Além dos textos do MEC, estudamos o livro Caminhos da Educação Integral no Brasil: direitos a outros tempos e espaços educativos, organizado por Jaqueline Moll, que é pesquisadora do tema e coordenou o programa junto ao MEC. Já na apresentação do livro, a autora destaca a importância de nomes como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire para as reflexões e discussões sobre a educação integral em nosso país. Segundo ela, o programa *Mais Educação* deve estar em diálogo com a comunidade em que se insere a escola transformando-a em suas ações. Também destaca que apenas a ação sem a reflexão e análise da prática esteriliza o programa.

Os estudos que o livro apresenta foram desenvolvidos por pesquisadores e educadores preocupados com a educação integral. Para Moll et al. (2012), uma das referências para educação integral é a experiência das Escolas-Parque de Anísio Teixeira e dos Centros Integrados de Educação

---

<sup>16</sup> <http://www.fnde.gov.br>

Pública de Darcy Ribeiro, embora hoje, com outros contornos considerando a escola contemporânea.

A ampliação do tempo de permanência dos estudantes tem implicações diretas na reorganização e/ou expansão do espaço físico, na jornada de trabalho dos professores e outros profissionais da educação, nos investimentos financeiros diferenciados para garantia de qualidade necessária aos processos de mudança, entre outros elementos. (MOLL et al., 2012, p.28)

A autora também chama atenção para as questões relacionadas à educação das novas gerações. Educar para quê? Sob que condições? Sob que pressupostos teóricos? Qual é o tempo quando falamos de educação integral? O educador também tem de refletir sobre esses questionamentos de como queremos construir essa escola de tempo integral “[...] pensar a educação integral como educação para a vida e como ação das muitas forças sociais que podem articular-se para reinventar a escola são as tarefas que nos congregam.” (MOLL et al., 2012, p.30).

Notamos um crescente debate sobre a necessidade de que o tempo de escola seja mais amplo, visto que atualmente em nossa tradição escolar o tempo é muito curto (MOLL et al., 2012). E não basta oferecer um turno extra que aborde o mesmo sistema da educação vigente. De nada adiantará utilizar o programa apenas para que os alunos se saiam melhores em provas e exames que ditam os índices nacionais. Segundo o autor não devemos desvirtuar o programa. Necessitamos de tempos-espacos de um digno viver da infância e adolescência.

Nesse histórico da luta dos movimentos sociais, podemos interpretar os Programas Mais Educação, Escola de Tempo Integral e Escola Integrada como tentativas tardias de respostas públicas a mais de três décadas de pressões vindas das famílias populares pelo direito a um justo e digno viver da infância-adolescência popular. (MOLL et al., 2012, p.35)

A autora destaca a necessidade de lançarmos um olhar que supere visões negativas que desvirtuam os programas, considerando-os assistencialistas quando, em verdade, esses programas visam uma formação mais humanizadora e integrada. Já que vemos, segundo Moll, alunos famintos vivendo em uma miséria material que afeta profundamente as relações de ensino-aprendizagem. Esse é o limite mais desafiador para o docente, conviver

com essas vidas mal-vividas. Isso nos obriga a refletir qual o sentido da escola para essas infâncias-adolescências que vivem tempos-espacos hostis.

Torna-se urgente uma nova cultura e tratamento do tempo na escola, redefinindo também os tratamentos no turno regular, repensando o currículo para que haja um diálogo com esses programas de forma a articular ciências, tecnologias, culturas, valores, vivências e identidades diversas. Isso exige também diversidade de profissionais envolvidos nesse processo. Para a autora, não devemos cair no dualismo que considera que no turno normal a escola cumpre com sua função de trabalhar os conteúdos disciplinares, transmitindo lições e tarefas de casa, esquecendo as dimensões humanas, a ludicidade, a expressão corporal, atividades mais soltas e atraentes. Temos de evitar que esses programas caiam nessa dualidade e sejam soterrados pela dureza tradicional das listas de conteúdos.

Moll et al. (2012) aborda que o contexto escolar deve abarcar as classes populares e valorizar não apenas a cultura da prática oral e visual, mas também uma cultura escrita e intelectualizada.

Fazer com que o aluno troque, em determinados horários, o aparelho de música pelo livro; que substitua o jogo pela pesquisa em laboratório; que deixe a prosa com os amigos para assistir a um documentário [...] é nadar contra a correnteza. (MOLL et al., 2012, p.99).

Essa proposição do autor é bastante complexa, visto que, a cultura de massa envolve o indivíduo de forma tal que tudo o mais não traz prazer e não parece atrativo para se conhecer.

Portanto, essas mudanças não se fazem sem disciplina e esforço. Sabe-se que é gratificante o aprender, o conhecer e para isso, toda a comunidade escolar tem de estar imbuída nesse esforço para mobilizar o aluno na direção de saberes mais complexos. O que pode garantir o sucesso escolar é, entre outros elementos, a organização do tempo de maneira que permita ações que vão ao encontro do conhecimento.

Em nossa proposta metodológica, consideramos a visão freireana sobre a educação integral que Moll et al. (2012) traz em seu artigo “Paulo Freire e a educação integral: cinco dimensões para (re)humanizar a educação”. É sabido

que estamos condicionados a uma visão da educação racional, tecnicista e instrumental, nos assoberbamos de conteúdos e deixamos de lado o fator humano. Para o autor, homens e mulheres são o que fazem com os outros e assim vão construindo o mundo e fazendo história.

Torna-se, pois, urgente reconstruir os espaços-tempos escolares enquanto mediações e aprendizagens do humano, com relações e vivências em que educandos e educadores possam “ser mais”. Para tanto, poderem “dizer a palavra”, sem serem obrigados a simplesmente repetir a de outros, é condição primeira; o diálogo-problematizador e amoroso, no qual a “obediência” e o “silêncio” deixam de ser vistos como “virtudes” do “bom-aluno” [...] (MOLL et al., 2012, p.82)

A citação acima nos leva a refletir sobre a construção de uma educação mais humana que considere o universo de vivências dos alunos, sem silenciá-los ou obrigá-los a reproduzir discursos pré-concebidos. Nós, educadores, temos o dever de formar alunos que pensam e refletem sobre o conhecimento construído nos espaços escolares. Que sejamos capazes de suscitar nos educandos outras referências éticas e estéticas para investigar os fatos e as pessoas em toda sua complexidade.

Largar um pouco o cientificismo e a objetividade excessiva para voltarmos nosso olhar para a vida, a beleza e a esperança torna-se primordial para a descoberta subjetiva de novos sentidos, relações e horizontes e identidades em suas múltiplas dimensões.

Trata-se de resgatar a poesia, o encantamento, a imaginação, a intuição, o sonho, a reflexão, enfim, a razão-emoção como um todo, mergulhando na intimidade das coisas, dos fatos, dos seres humanos, da vida, para ir além da mera constatação e descrição, fazendo emergir um sentir/pensar/agir como manifestação da razão de ser de cada coisa, de cada ser, da existência humana. (MOLL et al., 2012, p.83)

Nesse sentido, construir uma prática educativa que trabalhe as cinco dimensões propostas por Freire: a ético-política, a técnico-científica, a epistemológica, a estético-afetiva e a pedagógica. Assim estaremos educando e construindo sujeitos conscientes de sua condição inacabada em processo de constante humanização. Uma perspectiva freireana de sociedade em que todos possam ser mais e gostar de ser, o que ele chama de “genteidade”. Uma escola onde a prática educativa não escapa aos limites, mas dentro deles

constrói alguma coisa, proporcionado ao educando possibilidades de descobrir-se, assumir-se e ser mais.

Moll et al. (2012) não considera que Freire seja o único a contribuir e apontar caminhos para a educação, porém considera que por sua experiência, ele tem contribuições significativas que podem ser muito produtivas quando se pensa e se quer “Mais Educação”. Focar em “ser mais” e para aprender a “gostar de ser gente”. Uma educação com mais humanização é o que propõe o autor.

Ao considerar a dimensão ético-política, Moll et al. (2012) traz que, nos processos de ensino-aprendizagem e nas relações e interações que a escola abarca, temos de estar “conscientes de que toda ação educativa tem uma intencionalidade.” p. 84. Temos de superar a dominação, a subalternação, o silenciamento e obediência. Se queremos uma escola mais democrática sua função será política e social.

[...] como profissionais da educação, temos de mostrar aos educandos o que somos como mulher ou homem, como cidadã ou cidadão, bem como a serviço de que tipo de homem ou mulher, e de qual cidadania, colocamos o ensinar e aprender com o qual nos envolvemos e envolvemos os educandos. (MOLL et al., 2012, p.84)

Com isso, torna-se impossível tentar mostrar-se neutro em sala de aula, considerando a realidade dura que envolve e desumaniza um incontável número de criança, adolescentes e adultos. Essa realidade cerceia as possibilidades de aprender a ser gente. Segundo Moll, devemos olhar essa situação e entender que sendo educador (a) mostramo-nos aos alunos e a forma como eles nos leem é de suma importância para nosso desempenho. Devemos então aproximar mais o que dizemos do que fazemos para não entrar em contradição perante o educando.

Quando a autora traz as dimensões freireanas para (re)humanizar é para que compreendamos que educar é optar, assumir, testemunhar, amar e conviver. Olhamos assim para uma totalidade que relaciona todas as dimensões. Estimulamos o educando crítico e curioso, facilitamos o processo criativo desse aluno, que mais humanizado não se deixará abater por uma ideologia fatalista que imobiliza e acomoda frente à realidade. O autor destaca

que Freire defende uma prática docente em que o ensino dos conteúdos não deve cair na frieza mecânica e em uma falsa neutralidade.

Na dimensão técnico-científica, Moll aponta que o domínio dessa dimensão é necessário, mas não suficiente para quem se assume como educador. Deve haver rigor técnico-científico, porém sempre dentro de uma totalidade social e histórica e não somente como “transmissão”, não podemos desligá-lo do mundo em que está inserido.

No que diz respeito aos novos conhecimentos” (ou conteúdos científicos), eles precisam vir ao encontro da realidade do mundo da vida e dos saberes que todos já trazem para o processo em sala de aula, em uma relação dialógica de uma verdadeira comunidade de aprendizagem crítico-reflexiva, não apenas descrevendo-os conceitualmente, mas redizendo-os e resignificando-os sócio-histórico-culturalmente. (MOLL et al., 2012, p.86)

Assim a dimensão técnico-científica não se esvazia tornando-se estéril e fria. O diálogo pedagógico necessita dessas relações entre conteúdo, exposição do professor e reflexões dos alunos, construímos, dessa forma, uma compreensão mais profunda dos conteúdos inseridos na realidade sócio-político-econômico-cultural. Pois quem pergunta e questiona se permite a curiosidade característica do sujeito crítico.

Se observarmos a dimensão epistemológica veremos que, em grande parte, as atividades escolares focam na memorização de respostas já prontas. Este tipo de conhecimento, Freire chama de “cadáver de informação”, pois torna-se um corpo morto de conhecimento, foge da vivacidade da realidade da construção, onde educandos vão em busca do conhecimento e participam ativamente das atividades e não somente como memorizadores.

Para tanto, é fundamental substituir a “pedagogia da resposta” e da “transmissão de conteúdos” pela “pedagogia da pergunta”, pela “pedagogia do diálogo e do conflito”, pela “pedagogia da autonomia”, pela “pedagogia da indignação”, pela “pedagogia da esperança”...para aguçar a curiosidade epistemológica e a criatividade em educando e educadores. (MOLL et al., 2012, p.88)

Devemos pensar no que Freire chama de “palavra-ação-reflexão”, pois conforme expõe Moll, toda pergunta ou curiosidade sobre os temas suscitados na escola, em sala de aula, são importantes e não devem ser consideradas perguntas bobas ou ingênuas. Para essas perguntas não existem respostas

prontas e definitivas, não há verdade absoluta. Tudo é questionável ou passível de investigação e novas indagações. Nesse sentido, tanto as perguntas como as respostas devem se relacionar com a vida, com as realidades dos interlocutores.

Essas dimensões abordadas estão entrelaçadas e são interdependentes, portanto, há sempre a relação e necessidade de unidade entre elas para que o conhecimento se consolide. Conforme a dimensão estético-afetiva, que para este trabalho é de extrema importância, visto que, queremos humanizar através das obras literárias nos tempos-espacos da educação integral, devemos proporcionar o diálogo-problematizador, sem perder de vista a sensibilidade com os diferentes contextos coexistentes na escola.

Desenvolver a criatividade, a autonomia, a responsabilidade, a participação é imprescindível e só ocorrerá de fato se não perdermos de vista a afetividade. Para Moll et al., é uma educação que se volta para a pessoa, com a consciência corporal que engloba emoções, sentimentos, admiração, espanto, curiosidade, imaginação, sensibilidade. Esse olhar não é apenas para si, mas também para os outros.

Torna-se fundamental uma escola que discuta e dissemine alegria. A alegria de viver como elemento constitutivo da escola e dos sujeitos que nela estão inseridos. Isso não significa ocultar que existem problemas e as razões para tristezas, tomamos conhecimento e lutamos para transformar e estimular a alegria na escola. Moll et al. traz o seguinte pensamento freireano.

É vivendo, não importa se com deslizes e com incoerências, mas disposto a superá-los, a humildade, a amorosidade, a coragem, a tolerância, a competência, a capacidade de decidir, a segurança, a eticidade, a justiça, a tensão entre paciência e impaciência, a parcimônia verbal, que contribuo para criar e forjar a escola feliz, a escola alegre. A escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, porque recusa o imobilismo. (MOLL et al., 2012, p.90)

E não devemos estabelecer que se a escola é alegre não pode ser séria. Pode a escola desenvolver um trabalho sério sem deixar de lado a alegria. Uma escola que tem alegria em suas ações é muito mais atrativa. Uma escola muda e que emudece seus participantes não logra ter alegria e vida. Devemos

trilhar o caminho em busca do conhecimento junto com os educandos, lado a lado, não em posição de superioridade e afastamento. O autor traz a ideia freireana de que a atividade docente não pode ser insensível, tão cheia de racionalismo que acaba por esvaziar-se de vida e sentimento.

Na dimensão pedagógica, existem novas perspectivas, uma que Moll aponta é uma perspectiva pedagógica rigorosa e sensível, baseada na pergunta, no comprometimento com a existência humana. Segundo Moll, quem se permite perguntar e ter curiosidade, não somente a sua, mas também a dos outros, permite-se aprender enquanto também ensina. Um educador que diz sua palavra, mas que também escuta a palavra do outro constrói um ambiente de aprendizagem de reciprocidade.

Nesse sentido, o educador que problematiza de forma amorosa e respeitosa acaba construindo um processo em que se desvela a ciência e a realidade sempre levando em conta a própria existência humana. Moll et al. afirma que para que isso aconteça o educador tem de ter claro qual o seu ponto de partida e onde quer chegar de forma analítica e reflexiva. Nessa perspectiva dialética de proceder não há nivelamentos, mas sim a consciência da diversidade identitária e da possibilidade que temos de crescermos uns com os outros.

Acreditamos que um projeto de educação integral deve considerar essas dimensões freireanas que Moll et al. (2012) aponta. E para pô-las em prática também se faz necessário repensar o currículo escolar. Limonta et al. (2013) no livro Educação Integral e Escola Pública de Tempo Integral discute questões relativas ao currículo. A autora problematiza a organização do currículo e do trabalho pedagógico na escola que trabalha a educação integral.

Segundo a autora, durante muito tempo a ideia de ter as crianças por mais tempo na escola era um sonho que atingia apenas as classes mais privilegiadas, que pagavam e pagam por educação integral. Porém, nomes já citados anteriormente, como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Cyro dos Anjos entre outros expoentes da educação brasileira mostraram que a escola pública também pode alcançar metas no que diz respeito à educação integral. Os

programas de educação integral devem possuir motivações educacionais e não apenas motivações derivadas dos problemas sociais. Segundo Limonta et al. (2013) não devemos cair no mero assistencialismo.

O Programa de Educação Integral busca ultrapassar o senso comum de tempo integral que se limita à ampliação do tempo de permanência do aluno na escola, para isso [...] considera o educando sob uma dimensão de integralidade para atender os aspectos cognitivos, político-sociais, ético-culturais e afetivos. (LIMONTA et al., 2013, p.44)

Dessa forma, a autora vai ao encontro do que Moll et al. (2012) já nos expunha. Uma nova forma de conceber a educação visando o desenvolvimento do sujeito como uma totalidade, englobando a criticidade, a cidadania, autonomia e participação. Para os alunos que possuem apenas a escola como instituição formativa tornam-se necessárias políticas públicas que desenvolvam programas para a permanência do alunado por mais tempo na escola. No entanto, muitas vezes, esbarramos em dificuldades como a organização de um currículo que abarque esses novos conhecimentos e atividades.

Limonta et al. alerta que não só os problemas curriculares, mas também a precarização dos espaços escolares, as incertezas do mercado de trabalho, o *status* da educação como mercadoria, os problemas sociais contemporâneos, além das enormes exigências de mercado acabam intensificando a premissa de que a escola vem perdendo seu aspecto formativo. Retoma-se então a ideia de valorização da educação integral como possibilidade de formação integral do homem.

Para que esse tempo-espço a mais na escola não se transforme em um mero depósito do alunado, devemos superar as limitações que as quatro horas diárias na escola nos impõe e consolidar uma educação integral que qualifique o tempo escolar. Reconhecemos as múltiplas dimensões do ser humano e de sua formação torna-se primordial para que esses alunos tenham acesso a um capital cultural que possa auxiliá-los no processo de inserção social, derrubaríamos assim o cunho assistencialista que muitos atribuem aos programas de educação integral.

O aumento do tempo de permanência dos alunos na escola tem que corroborar com o objetivo de formar o sujeito integralmente, não sendo apenas mais tempo, mas uma oportunidade para possibilitar

aprendizagens significativas e emancipadoras, de forma que o educando atinja elevados níveis formativos e de desenvolvimento. (LIMONTA et al., 2013, p.49-50)

A autora declara que, muitas vezes, não atingimos essa formação em todas as dimensões já discutidas aqui, nos mantemos no discurso retórico e politicamente correto, porque o que predomina de fato “são dimensões acadêmicas, aquelas requeridas pela universidade ou pelo mercado de trabalho.” (LIMONTA et al., 2013, p.51).

Nesse sentido, podemos observar a importância de uma compreensão do significado do currículo escolar. Não um currículo como lista de conteúdos a serem passados para um aluno passivo. O objetivo é um currículo dialético que supere o treino da memória dos alunos para passar no vestibular ou no ENEM e que passe a trabalhar a formação de um sujeito mais ativo e dono de suas ações, reflexivo e crítico capaz desenvolver autonomia.

Para Limonta et al. (2013), o currículo deve ser organizado partindo de proposições e não de disciplinas fragmentadas com conteúdos cristalizados ao longo do tempo. Deve ser dinâmico e em permanente construção, acompanhando a identidade da escola. Um currículo que ofereça oficinas, projetos e atividades interdisciplinares sem perder de vista os conhecimentos tradicionais, mas que estes se fundam com conceitos artísticos, culturais, educacionais, de saúde, de mundo, de trabalho, de vida. Ampliar-se-á, dessa forma, o próprio conceito de aprendizagem, articulando ensino, prática e teoria.

A avaliação também assume um novo papel dentro dessa nova concepção curricular, pois se considerarmos que a aprendizagem se dá em um processo, a ação-reflexão fará como que o aluno vá reelaborando seu conhecimento acerca do tema estudado. Para que se chegue a esse novo currículo e formas de avaliação precisamos voltar ao Projeto Político-Pedagógico da escola e estabelecer diálogo com ele, para que tudo entre em consonância, considerando sempre o objetivo maior da escola de humanizar-se. Vemos que a educação integral e seus projetos exigem que toda a comunidade escolar se mobilize em prol de mudanças e adequações que não percam de vista o objetivo principal de uma formação integral do sujeito.

### **3- PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INTEGRAL**

Nessa parte da dissertação descrevo, primeiramente, o projeto piloto, que foi a experiência que vivenciei no projeto *Mais Educação* da escola. A partir dessas vivências foi feita a pesquisa bibliográfica no intuito refletir sobre os êxitos e as dificuldades para, finalmente, construir a Proposta de Leitura Literária através da Ferramentas Tecnológicas no Espaço Educação Integral – Blogados na Literatura.

O projeto piloto partiu de uma sondagem do grupo para conhecer suas preferências e suas leituras, para posteriormente, principiando do universo do grupo, pesquisar e selecionar as obras a serem abordadas. Toda a experiência da aplicação do projeto piloto serviu para o aperfeiçoamento da ideia, assim originando oito passos.

Nesse sentido, a proposta metodológica “Blogados na Literatura” tem oito passos para sua execução e a participação efetiva dos alunos vai desde a criação do blog, pesquisa e seleção de autores e obras, leituras, debates até a divulgação do trabalho. Portanto, ainda que o professor aplicador já tenha algumas obras e autores selecionados, é primordial que norteie e organize a participação dos alunos.

Para ajudar na construção do blog do projeto piloto pesquisei tutoriais sobre o tema. Outra premissa para a aplicação da proposta é a necessidade de o professor orientar e monitorar as leituras, debates e comentários produzidos pelos participantes. Nesse sentido, garante o controle das participações e que todos exponham suas leituras e troquem conhecimentos.

Ao final da aplicação o professor pode fazer outra sondagem para observar o que mudou para os alunos com relação a leitura literária e as tecnologias. Ao pensarmos nas sondagens, acreditamos que ajudarão o professor aplicador a conhecer o grupo, suas preferências e relações com a leitura e tecnologias. Na sondagem final seria adequado que constassem as mesmas perguntas da sondagem inicial, para que o professor aplicador tenha

mais subsídios para avaliar as mudanças ocorridas após a prática da proposta metodológica, fazer um comparativo entre o antes e o depois.

O contexto desta experiência foi o Instituto Estadual de Educação Espírito Santo (IEEES), se situa a Rua Duque de Caxias S/N, na cidade de Jaguarão – RS que faz fronteira com Ríó Branco – Uruguai. Há três escolas dentro da cidade que possui a oferta de Ensino Médio e o IEEES é uma delas, portanto tem um grande número de alunos matriculados advindos de várias localidades da cidade. A escola ofereceu o projeto de educação integral “Mais Educação” pela manhã para os alunos do turno da tarde de 1º a 5º ano. Esse grupo era dividido em três turmas: Turma A que abrangia os alunos de 1º e 2º ano; a Turma B que abrangia os alunos de 3º ano, era uma turma bastante numerosa; e por fim, a Turma C que abrangia alunos do 4º e 5º ano, esta última foi o público alvo do projeto piloto.

A Turma C tinha, aproximadamente 20 alunos, com idade entre 10 e 12 anos, oriundos de diversas localidades da cidade, inclusive da periferia. Nosso grupo possuía alunos com dificuldades de aprendizagem, alunos com problemas familiares, com problemas financeiros, entre outros.

Comecei minha trajetória na escola trabalhando no projeto “Mais Educação”, e já havia feito concurso para professora estadual, porém não tinha sido contemplada com as nomeações. Quando finalmente fui nomeada, me foi dada a opção de escolher a escola estadual que gostaria de trabalhar, não hesitei em escolher o IEEES. Já estava cursando o mestrado e percebi que, o que havia vivenciado no projeto de educação integral da escola era o material perfeito para minha pesquisa.

### 3.1- ORIGEM DA PROPOSTA

Aqui descrevo o projeto piloto que deu origem à nossa proposta de leitura literária na educação integral, considerando todos os fatores, experiências e reflexões que nos levaram até o produto pedagógico final “Blogados na Literatura”. No ano de 2013, já cursando a Pós MELL

(Especialização em Metodologias no Ensino de Línguas e Literatura), me inscrevi para ser monitora do projeto “ Mais Educação” do IEEES. Também possuo formação na área de Tecnologia e Processamento de Dados o que me proporcionou trabalhar com as oficinas de “Cultura Digital”. E ao vivenciar essa experiência surgiam inquietações e questionamentos. O que trabalhar, pensando numa formação integral, nas oficinas de cultura digital? Como mostrar aos educandos que essas tecnologias podem nos auxiliar a construir conhecimento e cultura?

De posse desses questionamentos e observando que a maioria dos participantes do projeto visualizavam a oficina como uma oportunidade de acessar jogos, redes sociais e vídeos, percebi que necessitava orientá-los e mostrar que aprender pode ser divertido e pode envolver as tecnologias. Minhas vivências na especialização apontavam para a necessidade de o educador buscar novos métodos de ensino que acompanhem a realidade das tecnologias na vida do sujeito. Nós, educadores, precisamos pensar em atividades mais atrativas, interdisciplinares e que não percam de vista a construção do conhecimento. Nesse sentido, comecei a fazer algumas experimentações nas oficinas.

Vale salientar a importância de estarmos (nós educadores) em constante formação, talvez se eu não estivesse na especialização não teria refletido sobre essas questões, nem buscado ideias e novas práticas. O curso me instigou, me obrigou a pensar sobre essas proposições. Acabei unindo teoria e prática que é o que almejamos como educadores. Contudo, veremos que há outros fatores envolvidos nessa relação entre teoria e prática, o que, muitas vezes, traz acontecimentos inesperados aos planos iniciais. Já no mestrado recebi aporte para observar essas relações entre teoria e prática. Aproveitei as dificuldades e os acertos nascidos da experiência para refletir, repensar, planejar e reformular a proposta, para poder também auxiliar outros educadores.

Passo então a relatar as oficinas que trabalhavam as tecnologias e os textos literários, elas ocorriam intercaladas com outras atividades que a

“Cultura Digital” devia abranger, como apropriação de conhecimentos básicos sobre hardware e software, acesso à sites educativos (o pequeno cientista, Discovery kids Brasil, guia dos curiosos, entre outros).

### **1º Encontro**

1-Tema: Poesia

2-Objetivos: despertar a sensibilidade para com a leitura poética; perceber os recursos linguísticos utilizados e os múltiplos sentidos possíveis; relacionar e interpretar imagem e texto.

3-Conteúdos: uso da ferramenta blog; leitura e interpretação; produção oral e textual.

4-Duração: duas horas/aula.

5-Recursos: laboratório de informática da escola; internet; o blog.

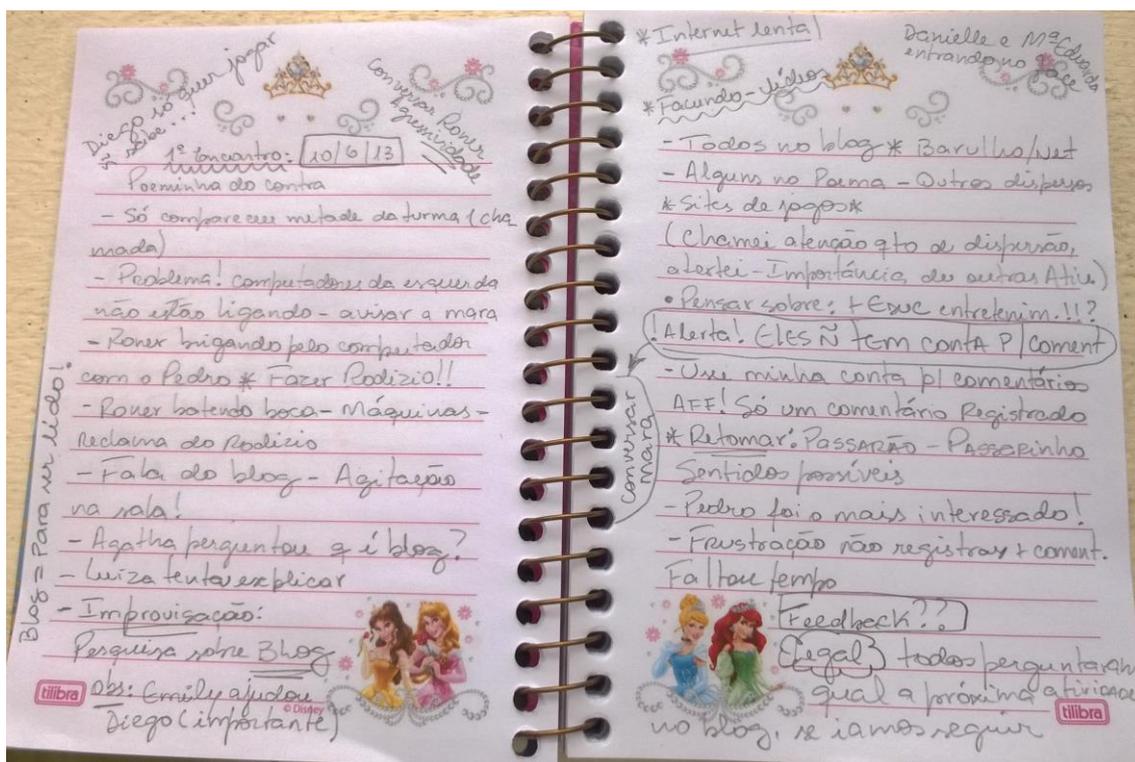
6-Etapas: ligar os equipamentos e acessar o blog; leitura do poema e da imagem; debater sobre as percepções; construir os comentários no blog.

7-Avaliação: as atividades desenvolvidas no Programa Mais Educação não são avaliadas por meio de conceito ou nota, pois são atividades culturais voltadas para o crescimento do aluno como cidadão. Contudo, nota-se a presença de avaliação de cunho afetivo e motivacional. Pensando nesta pesquisa, fiz constantes anotações em meu diário de campo. Isso sucedeu-se em todos os encontros.

### **REFLEXÕES<sup>17</sup>:**

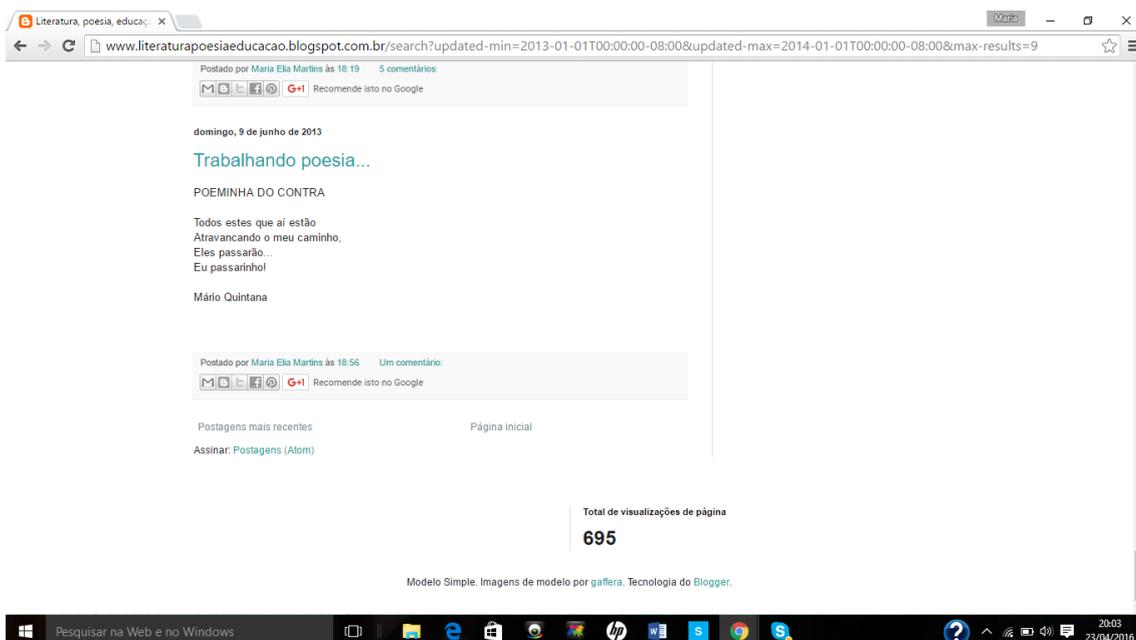
---

<sup>17</sup> Todas as reflexões aqui citadas são baseadas nas notas de campo. Todas as proposições sobre as práticas foram construídas com base em meu diário de campo, caderno no qual fazia pequenas anotações durante as oficinas. Parti desses apontamentos para desenvolver as reflexões que aqui descrevo.



(Imagem do diário de Campo)

No dia 10 de junho de 2013, já como o blog pronto, trabalhamos “Poeminha do contra” de Mario Quintana.



## *POEMINHA DO CONTRA*<sup>18</sup>

*Todos estes que aí estão  
Atravancando o meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!*

*Mário Quintana*

Estava bastante frio e metade do grupo não compareceu. Os alunos que participam do “Mais Educação” são, em sua maioria, sujeitos com dificuldades socioeconômicas. Quando liguei as chaves de energia já percebi que um dos lotes de computadores não iria ligar, tratei de avisar a coordenadora do projeto. Quando os alunos da turma C chegaram ao laboratório começou a briga para saber quem iria sentar-se aos computadores mais modernos. Já havia sido instituído em encontros anteriores que seria feito um rodízio de alunos nesses computadores. Portanto tratei de dar início fazendo a chamada e acabando com a briga dando seguimento ao rodízio.

O aluno 1<sup>19</sup> reclamou que nunca chegava sua vez de sentar-se aos computadores mais rápidos. Tratei de acalmar sua agressividade explicando que todos tinham o direito de fazer parte do rodízio e que ele teria de esperar sua vez. Comecei a explanar que havia criado um blog e que a partir de agora, em alguns encontros, faríamos atividades no blog. Todos começaram a falar e perguntar: alguns perguntaram o que era um blog, outros, que já sabiam alguma coisa sobre o assunto, tentaram explicar. E eu percebi que já havia cometido um erro, pois deveríamos primeiro ter trabalhado a questão do blog, como se faz, para que serve, etc.

De improviso pedi a eles que pesquisassem na internet sobre a ferramenta blog para que pudéssemos dar prosseguimento. Vale ressaltar aqui

---

<sup>18</sup> Todos os textos extraídos diretamente do blog estão em itálico. Não há nenhum tipo de correção ou modificação.

<sup>19</sup> Para preservar a identidade dos alunos utilizamos números para referencia-los.

que assim como há alunos que se mostram desvoltos para lidar com as tecnologias, há outros que nunca viram um computador e têm dificuldades para manusear e utilizar. Contudo, não podemos deixar de mencionar que são mais abertos quando o assunto é tecnologias, aprendem rápido e demonstram bastante interesse. Após a pesquisa passamos a parte de entrar em nosso blog para acessar a atividade. Isso ocorreu ao som de diversas reclamações com relação a lentidão da internet.

Notei que enquanto alguns liam o poema, outros dispersavam e tentavam entrar no facebook, assistir vídeos e músicas, ou ainda entrar em sites de jogos. Essa dispersão era uma constante nas oficinas de Cultura Digital, se as atividades não os envolviam completamente, havia um grande número de participantes que começavam a fazer outras coisas. Então eu tinha de chamar-lhes a atenção e fazer com que retomassem as atividades propostas. Era difícil destitui-los da ideia de que aquele espaço em turno inverso não era recreio, mas sim um espaço a mais para contribuir na formação dos participantes. Até mesmo os pais, muitas vezes, alimentavam essa ideia de que o “Mais Educação” era algo para entreter seus filhos enquanto eles trabalhavam. Muitos não conseguem enxergar formação em atividades lúdicas que fogem um pouco da dureza das atividades cotidianas do turno normal.

Quando finalmente consegui que todos tivessem lido o poema, surgiu um novo problema, pois quando solicitei que eles comentassem a publicação percebi que era necessário ter uma conta de e-mail para fazer os comentários. Novamente, de improviso autorizei que eles usassem minha conta para fazer os comentários. Se fossemos criar conta para todos, além de acarretar em um grande espaço de tempo, também teria que ter a autorização dos pais, pois todos eram menores de idade.

Assim, utilizando minha conta, eles apenas se identificavam pelo primeiro nome, o que, de certa forma, também preservava a identidade dos participantes. Em função do tempo, da lentidão da internet, da dispersão, apenas um comentário ficou registrado no blog. O aluno 2 fez referência em seu comentário ao termo “passarão”, que no poema pode tomar no mínimo

dois sentidos, o de verbo passar no futuro e o de substantivo “pássaro grande”, sendo que foi este o sentido que o participante atribuiu. Apontei este fato em meu caderno de notas para poder retomar depois com os alunos.

O tempo da oficina terminou e os alunos saíram para outras atividades, alguns insatisfeitos por não terem conseguido registrar seu comentário. Eu também me senti frustrada por pensar que podia fazer melhor e anotei isso em meu caderno. Como tínhamos dois encontros durante a semana, retomei o poema, e na oralidade falei sobre as questões de significação, destaquei algumas palavras que considerava poéticas e expliquei porquê. Falei um pouco sobre poesia e música, pois já havia percebido o grande interesse deles pelas músicas.

O aluno 2 foi quem se mostrou mais interessado nas proposições que eu disse sobre a poesia, talvez até pelo fato de seu comentário ter sido o único a ficar registrado no blog. Nesse momento eu ainda não tinha entendido a importância de dar um *feedback* no próprio comentário do blog por escrito. Anotei em meu caderno que vários me perguntaram qual seria a próxima atividade no blog, e alguns me perguntaram se outras pessoas acessariam o que a gente fazia ali naquele espaço. Percebi que escrevemos para que outros leiam, para eles não era diferente, seria mais significativo para os participantes se pessoas de fora conhecessem o que eles faziam no projeto. Outros mostraram-se apavorados com a possibilidade de que outros vissem o que eles escreviam. Respondi-lhes apenas que havia a possibilidade de ser lido, mas não uma certeza. Foi o que me ocorreu naquele momento.

## **2º Encontro:**

1-Tema: Tirinha da Mafalda<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Importante ressaltar que consideramos tiras e histórias em quadrinhos como textos ricos em simbologia, conforme Rezende (2009). Portanto, consideramos como texto literário.

2-Objetivos: perceber e interpretar os recursos verbais e não-verbais; observar os explícitos e implícitos; sensibilizar para a leitura de tiras e HQs.

3-Conteúdos: Ferramenta blog; leitura e interpretação; produção oral e textual; informações implícitas e explícitas.

4-Duração: duas horas/aula.

5-Recursos: Laboratório de informática, internet; o blog.

6-Etapas: ligar os equipamentos e acessar o blog; leitura da tira; debater sobre as percepções e os implícitos e explícitos; construir os comentários no blog.

## REFLEXÕES:

terça-feira, 18 de junho de 2013

Tira da Mafalda

Postado por Maria Elia Martins às 18:19 5 comentários

domingo, 9 de junho de 2013

Trabalhando poesia...

POEMINHA DO CONTRA

Todos estes que aí estão  
Atravancando o meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!

Mário Quintana

No dia *18 de junho de 2013* fizemos uma nova oficina utilizando o blog. Nesta postei uma tira da personagem de Quino – Mafalda.



Notei que eles gostavam de quadrinhos e que liam-os nas oficinas de leitura. Era uma preferência de leituras deles. Aqui notei que deveria ter feito algum tipo de sondagem para conhecer um pouco mais sobre o universo de leituras dos participantes.

Pelo fato da personagem Mafalda ser uma criança questionadora e que reflete sobre o mundo, pensei que seria interessante que eles a conhecessem. E realmente eles ficaram animados com a tira. Neste encontro compareceram quase todos os alunos e, como de costume, houve muitas reclamações sobre os computadores e a internet. Inclusive aconteceu um desentendimento entre dois alunos porque um deles saiu do computador onde estava e foi até outro colega e ficou conversando, então outro menino saiu do seu computador, que não estava funcionando direito, e sentou ao computador do outro, assim começou o desentendimento. Sugeri que eles sentassem juntos, assim não ficariam discutindo.

Ao mesmo tempo entendo que sentar em duplas por causa dos equipamentos, muitas vezes, não é a melhor solução, tendo em vista que se um dos componentes da dupla é mais ativo e monopoliza o uso da máquina o outro fica prejudicado. Mas no momento foi o que eu pude fazer. O grupo estava bastante barulhento, faziam muitos comentários sobre a tira como: “*Que gurria feia!*”, “*O amigo também é feio, parece tu, fulano!*”, “*Ele é dentuço!*”. Uma fala que me chamou a atenção aconteceu entre duas alunas. Uma perguntou: “*O que é aquilo que tá em cima da cama?*”. A outra retrucou: “*Ai, burra! É o mundo!*”.

Eu interfeirei e expliquei para a menina que era uma réplica do globo terrestre. Eu já havia atentado, até mesmo em outras atividades do grupo, que ela demonstrava dificuldades na leitura e escrita. Posteriormente, em conversa com a coordenação do projeto, descobri que a aluna era laudada, ou seja, havia um laudo médico atestando suas dificuldades de aprendizagem. A menina constantemente se irritava comigo quando solicitava atenção e eu, por estar atendendo outro colega, não lhe atendia imediatamente. Ela sofria e demonstrava sentir-se inferiorizada por não acompanhar, por necessitar de ajuda. Mas um ponto positivo, foi o fato de uma colega sempre mostrar-se solícita para ajudá-la. Anotei em meu caderno que era possível ver que ficava mais tranquila com a ajuda da colega, assim não precisava me chamar tantas vezes.

A atividade sobre a tira da Mafalda rendeu cinco comentários, o que me deixou bastante motivada. Observando alguns deles vemos que:

*Aluna 3 turma A<sup>21</sup>*

*Professora eu entendi a história! Quem está doente é o mundo.bjssssssssssssssssssssss<sup>22</sup>*

Nesse comentário é possível perceber que a aluna 3 quer demonstrar que compreendeu uma “moral da história”. Fica claro também a demonstração de algum conhecimento da linguagem própria da internet, utilizada nas redes sociais ou em mensagens telefônicas e e-mails, no elemento “bjssssssss”. A repetição exagerada do “s” me parece uma demonstração de entusiasmo pelo uso das tecnologias e também por ter logrado entender o texto.

Já neste:

---

<sup>21</sup> Quando a aluna menciona a turma A está se referindo a sua turma do turno normal da escola.

<sup>22</sup> Os fragmentos em itálico foram extraídos respeitando a autenticidade das postagens no blog. Não há nenhuma correção, apenas o texto como o participante postou no blog.

*Aluna 4 turma a*

*A malfada quis dizer que estava acontecendo coisas horríveis no mundo.*

*O menino pensou que era o pai ou a mãe que estava doente.*

Observa-se que é uma inferência da menina com relação aos acontecimentos no mundo, pois a tira não traz essas informações. A aluna é que pressupõe que estão ocorrendo fatos horríveis no mundo e por isso a personagem Mafalda o põe na cama como doente.

Observando este:

*Aluna 5*

*turma A*

*professora eu entendi mais ou menos a história mas eu sei que é o mundo que está doente bjssssssssssssss*

Vemos que a aluna 5 (que possui laudo) expõe que não havia compreendido bem a tira, mas expressa que já sabe que é uma referência a uma ideia de que o planeta está adoecido. É perceptível que a aluna utilizou os outros comentários como referência para construir o seu. Tudo isso sem perder sua identidade, pois menciona que não havia compreendido bem. Vejo como algo positivo, pois a menina aprende com seus pares, parece construir seu conhecimento e não apenas “copiar”.

### **3º Encontro:**

1-Tema: Tira da Mafalda

2-Objetivos: perceber e interpretar os recursos verbais e não-verbais; observar os explícitos e implícitos; sensibilizar para a leitura de tiras e HQs.

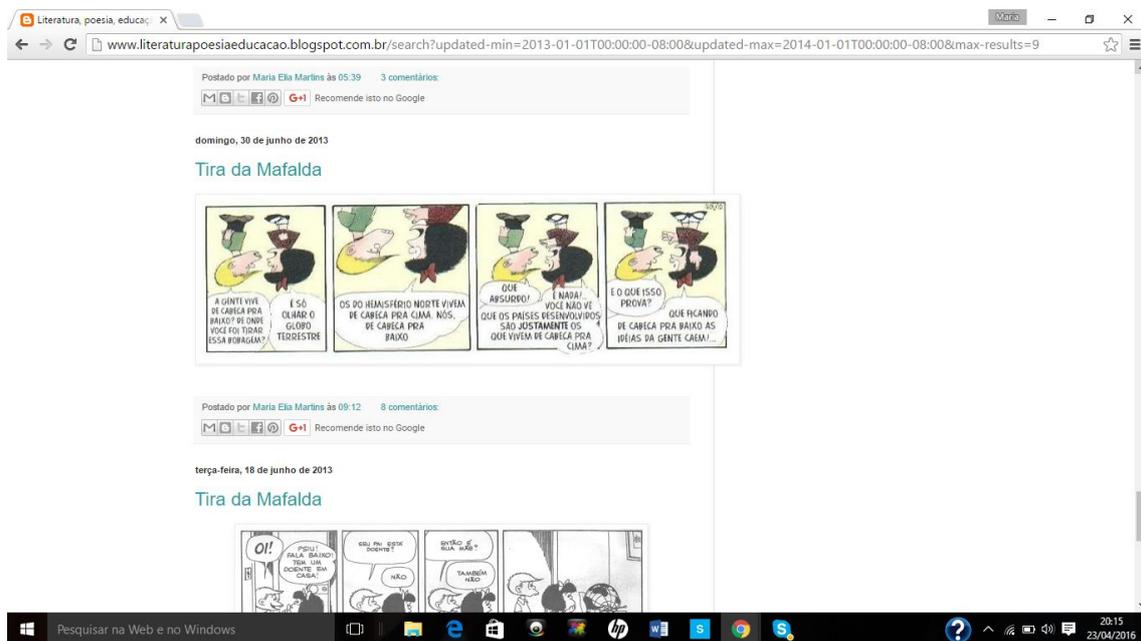
3-Conteúdos: Ferramenta blog; leitura e interpretação; produção oral e textual; informações implícitas e explícitas.

4-Duração: duas horas/aula.

5-Recursos: Laboratório de informática, internet; o blog.

6-Etapas: ligar os equipamentos e acessar o blog; leitura da tira; debater sobre as percepções e os implícitos e explícitos; construir os comentários no blog.

## REFLEXÕES:



No dia 01 de julho de 2013, trabalhamos novamente com o blog e postei outra tira da Mafalda.



Neste dia tínhamos metade do grupo presente, fazia bastante frio, creio que isso, de certa forma influenciou no desempenho deles. Cheguei a anotar em meu caderno que grande parte dos presentes comentava sobre a hora do almoço<sup>23</sup>, pareciam dispersos talvez por querem alguma coisa quente para comer, é importante ressaltar que é uma impressão minha da situação.

Os comentários sobre a lentidão da internet e as discussões e brigas pelos melhores computadores são recorrentes. Quando finalmente conseguimos abrir o blog, percebi que eles liam a tira, mas não conseguiram abstrair totalmente uma interpretação. Além da hipótese anteriormente mencionada, também acredito que eles, em sua maioria, não sabiam o que significava hemisfério norte e hemisfério sul. Faltou talvez, relacionar o texto e as imagens, os alunos fizeram oito comentários e como vemos

*Aluno 6 turma a  
o amigo não acreditava no que ela falava.  
a mafalda falava sobre o planeta.*

*Aluna 7 turma A  
que absurdo o amigo não acreditava na mafalda  
mafalda falava do planeta*

*Aluna 8 turma A  
o amigo não acreditava na mafalda  
mafalda falava do planeta*

Nos três comentários aparece o mesmo teor que gira em torno de o amigo de Mafalda não acreditar em sua fala, não há referência ao que Mafalda diz sobre as ideias. Eu interferi falando sobre as informações que Mafalda traz, também sobre as imagens onde os personagens estão de cabeça para baixo. E falhei novamente ao não registrar um *feedback* por escrito nos próprios comentários dos alunos. Mais uma vez ficamos na oralidade. Creio que se a ferramenta blog nos oferta essa possibilidade de responder nos próprios comentários, eu deveria tê-la explorado.

---

<sup>23</sup> Os alunos do projeto tomavam café da manhã ao chegarem e posteriormente almoçavam antes de começar o turno normal de aula.

## 4º Encontro:

1-Tema: A poesia na música.

2-Objetivos: perceber o poético na letra da música; ler e interpretar.

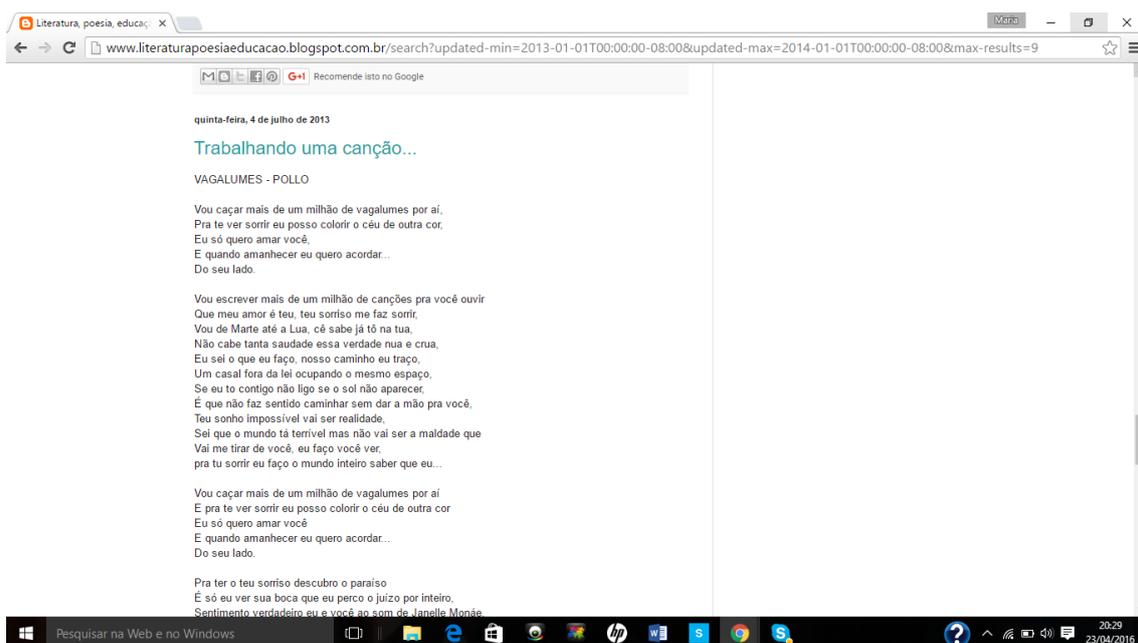
3-Conteúdos: poesia e musicalidade; leitura e interpretação; produção oral e escrita.

4-Duração: duas horas/aula.

5-Recursos: Laboratório de informática, internet e o blog.

6-Etapas: ligar os equipamentos e acessar o blog; leitura da letra; escutar a música; debater sobre as percepções; construir os comentários no blog.

## REFLEXÕES:



No dia *04 de julho de 2013*, trabalhamos com a canção “Vagalumes” – Grupo Pollo (Anexo 1). Esta escolha se deu pela observação de que o grupo todo cantava a canção, sempre que podiam acessavam o vídeo, sendo que aponto como uma falha da minha parte ter postado no blog apenas a letra da

canção deixando de fora o vídeo clip. Mesmo assim permiti que eles acessassem o vídeo pelo site do youtube<sup>24</sup>.

Nesse dia tivemos apenas cinco alunos presentes, chovia muito. Foi um pouco decepcionante, pois como era de meu conhecimento a paixão do grupo pela canção eu havia sonhado e pensado outro contexto para trabalhar a música. Cheguei a pensar em deixar para trabalhar em outro dia que estivessem presentes mais alunos. Por fim desisti da ideia. Tivemos o registro de apenas dois comentários, um mais superficial, o outro mais ancorado no texto como vemos abaixo.

*Eu entendi que a musica vagallume fala de uma moça*

*Aluno 2*

*Aluna 4*

*Eu entendi que o pollo é um homem muito apaixonado.*

*Ele quer que sua amada seja feliz. E ele disse que pra ti ver sorrir eu posso colorir o ceu de outra cor.*

Como estavam presentes apenas cinco alunos todos puderam sentar-se aos melhores computadores do laboratório. A internet não estava muito boa, mas não houve tumulto. Cantamos a canção, assistimos ao vídeo clip, e ainda conseguimos explorar bem a letra. Um dos presentes apontou oralmente o fato da letra trazer termos de uma linguagem coloquial como: “*cê tá perto*”, “*eu tô certo*”. Eles também trouxeram a questão da repetição do refrão que faz com que memorizemos a música, aproveitei para falar-lhes que é um recurso poético as repetições sonoras, de palavras ou mesmo de versos inteiros. Também conversamos sobre a recorrência do tema amoroso nas poesias e também nas canções. Expus que há temas universais como o amor, a vida, a morte a existência, que eles estão presentes ao longo da história da arte poética.

---

<sup>24</sup> [www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br) (site onde podemos acessar vídeos de canções, entre outros)

## 5º Encontro:

1-Tema: Poesia Pós-Moderna

2-Objetivos: despertar a sensibilidade para com a leitura poética; perceber os recursos linguísticos utilizados e os múltiplos sentidos possíveis; relacionar e interpretar imagem e texto.

3-Conteúdos: uso da ferramenta blog; leitura e interpretação; produção oral e textual.

4-Duração: duas horas/aula.

5-Recursos: laboratório de informática da escola; internet; o blog.

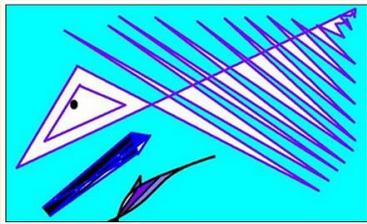
6-Etapas: ligar os equipamentos e acessar o blog; leitura do poema e da imagem; debater sobre as percepções; construir os comentários no blog.

## REFLEXÕES:



segunda-feira, 8 de julho de 2013

Manoel de Barros



**O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA**

Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino  
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira  
Era o mesmo que roubar um vento e sair  
correndo com ele para mostrar aos irmãos

No dia *08 de julho de 2013*, trabalhamos o poema de Manoel de Barros “O menino que carregava água na peneira” (Anexo 2). Foi um dos encontros que considero bastante produtivo. Estavam presentes doze alunos. Mantivemos a rotina do rodízio nas máquinas mais modernas, seguida do burburinho e reclamações sobre a internet e as máquinas. Eu, a princípio, pré-

julguei a turma pensando que o grupo talvez não aceitasse bem o poema de Barros, tal foi a minha surpresa e alegria ao notar que foi um dos textos que mais chamou a atenção do grupo e envolveu-os de forma criativa.

Obtivemos o registro de quatro comentários, contudo, me parecem substanciais, visto que tratam da criatividade, são comentários que observam diferentes partes do texto. Atribuo isso à riqueza e simplicidade do poema, também porque essa versão traz imagens construídas pelo próprio texto de Barros.

*Aluno 9 turma b*

*o menino até fez uma pedra dar flor*

*ele fazia poemas*

*a imagem tem um lapis*

Este aluno 9 tinha grandes dificuldades de leitura, escrita, expressão oral. No início do projeto, não sabia nem como ligar um computador, não sabia digitar, as vezes se mostrava agressivo para resguardar-se de comentários maldosos por parte de seus colegas. Tive, várias vezes, vontade de abraçá-lo, mas ele era arredio. Optei por elogiá-lo perante o grupo, ressaltar seus progressos e ganhei a confiança dele. Tanto que, quando sua família mudou de cidade em função de trabalho, ao se despedir de mim ele me deu um abraço muito forte. Interpretei como um abraço de confiança, de amizade e admiração. O Aluno 9 é um menino que fez pedra dar flor. Superou muitas dificuldades e sei que ainda tinha muitas a superar quando se foi. Porém não posso desconsiderar seus progressos.

Eu soletrava as palavras para ele toda vez que tinha que digitar algo, ele me chamava constantemente, durante todo o tempo. Ele mostrava um desejo enorme de ter uma página nas redes sociais e conversar com os colegas pelo bate-papo. Ele só queria viver o que era realidade para muitos. Ele tinha imensas vontades, bem maiores que as suas dificuldades. Ele adorava as oficinas de cultura digital, queria ser um cidadão do mundo, queria descobrir novidades, se expressar. E, em parte, ele conseguiu.

Esse comentário acima colocado, foi feito inteiramente por ele. É claro que ele passou por um processo, ao longo do projeto, em que eu o ajudava, os colegas o ajudavam. Somamos as outras oficinas que também o ajudaram a progredir em suas vontades. Quando ele menciona a imagem do lápis, quando ele fala do menino que fez uma pedra dar flor, eu me emociono e me sinto recompensada. É um comentário simples, talvez insignificante aos olhos alheios a realidade desse menino. Mas aos meus olhos, como pesquisadora, ele é riquíssimo e carregado de vitórias.

Neste abaixo:

*Aluno 6 turma A*

*o menino fazia poemas para mãe*

*eles gostava de brincar com as letras*

*na imagens aparece um peixe e um lapas e uma folha*

É possível notar a ênfase na figura da mãe, na brincadeira com as letras e também o aluno 6 relacionou texto e imagens. Devo mencionar aqui que os erros de digitação, ortográficos ou gramaticais não foram o foco da minha pesquisa. Mas se lançarmos um olhar atento aos textos produzidos por eles veremos que ao longo do tempo eles melhoraram a escrita. Muito também pelas demais oficinas oferecidas pelo projeto, como a de letramento e de leitura. Vemos que uma oficina acaba influenciando na outra de forma positiva.

*Aluna 5 turma A*

*o menino gostava de brincar com as palavras*

*a imagem tem lapis, folha, peixe*

Essa aluna que já mencionei possuir laudo médico, que mostrava imensas dificuldades, que a princípio se mostrava irritada e sem motivação, também foi se transformando ao longo do projeto. Inclusive em seu comportamento se fizeram mudanças significativas. A própria aluna me confessou que para participar da oficina de artes marciais tinha de demonstrar disciplina, respeito e um comportamento não violento tendo em vista que as artes marciais são consideradas esportes. Fiquei surpreendida com a fala da

aluna e entendi que o projeto tem mesmo de ser levado muito a sério já que opera muitas transformações no sujeito participante.

Para fazer o comentário, a aluna dispôs de muito empenho, voltando e redigitando, reformulando sua escrita de forma autônoma e consciente. Percebi que ela se cobrava e queria fazer o melhor possível. Nesse dia ela me chamou para contar que tinha descoberto que toda vez que ela escrevia algo errado a palavra ficava sublinhada em vermelho. Sendo assim, é na prática diária que o aluno vai descobrindo novos conhecimentos e aprendendo como lidar com as tecnologias.

No comentário deste aluno

*Aluno 2*

*O poema se trata de um menino que carregava água na peneira.*

*A imagem que aparece lá em cima do poema é uma peneira*

Vemos que ele fez uma relação entre imagem e texto. A imagem de peneira que a ele se refere, a meu ver é uma espinha de peixe, mas sua leitura, sua hipótese interpretativa de uma peneira é totalmente possível e ancorada no poema. Eu perguntei ao aluno porque ele via uma peneira na imagem e ele me respondeu que quando leu que o menino tinha um livro sobre as águas e que carregava água na peneira, imaginou o menino tentando carregar água nas espinhas de peixe. Anotei a fala em meu caderno, pois achei bonito, gostei de ver os alunos usarem a imaginação, desenvolvendo seu olhar estético. Uma pena que isso não ficou registrado no comentário dele.

Noto que, muitas vezes, na oralidade os alunos se soltavam mais e produziam muitos comentários pertinentes. Pedia a eles que expusessem mais suas ideias em seus comentários, mas, na maioria das vezes, os comentários eram bastante resumidos. Talvez até por dificuldades de digitação as ideias iam se perdendo ou mesmo por uma “preguiça” de escrever mais. Vejo agora que uma ênfase do professor nesse fator é importante, embora saiba que os equipamentos e a internet, em vários momentos, nos frustraram em nossas ações.

## 6º Encontro:

1-Tema: Abrindo-se para o diálogo.

2-Objetivos: expressar as reclamações, sugestões e elogios às oficinas.

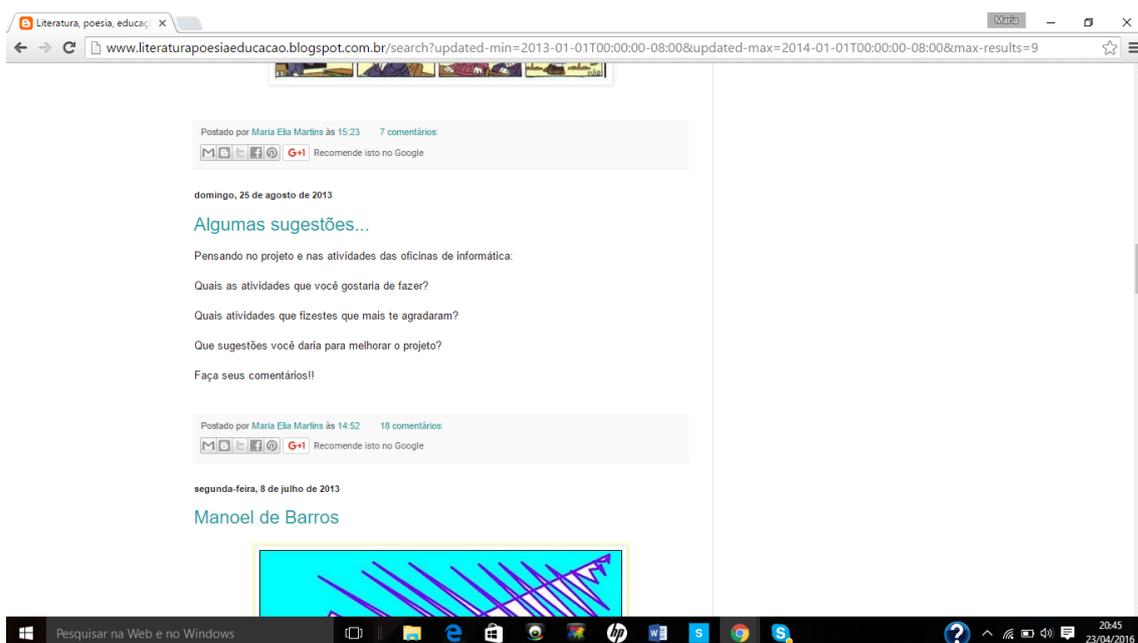
3-Conteúdos: fortalecer o diálogo e o debate; produção oral e escrita.

4-Duração: duas horas/aula.

5-Recursos: laboratório de informática, internet, o blog.

6-Etapas: ligar os equipamentos e acessar o blog; leitura das perguntas norteadoras; debater sobre os temas; construir os comentários no blog.

## REFLEXÕES:



No dia *26 de agosto de 2013*, aconteceu algo bastante marcante em minha experiência no “Mais Educação”. Diante do desenrolar do projeto, fui percebendo minhas falhas. Uma delas foi o fato de não ter feito uma sondagem ou pré-teste com os alunos para tomar conhecimento do universo do grupo. Também tive oportunidade de observar a necessidade de expressar-se que

perpassava a fala desses sujeitos participantes. Neste sentido, resolvi lançar o seguinte post:

*Algumas sugestões...*

*Pensando no projeto e nas atividades das oficinas de informática:*

*Quais as atividades que você gostaria de fazer?*

*Quais atividades que fizeste que mais te agradaram?*

*Que sugestões você daria para melhorar o projeto?*

*Faça seus comentários!!*

Abri o espaço para que eles se manifestassem e sugerissem e qual foi minha surpresa ao ver que todos queriam manifestar e registrar sua opinião. Tanto que tive de ocupar o tempo do outroicineiro, com a permissão da coordenação, para dar conta de todos registrarem no blog seu comentário, naquele encontro, e considerando as dificuldades com equipamentos e internet.

Estava presente, praticamente, todo o grupo, a temperatura estava mais amena e não fazia tanto frio. Quando perceberam que poderiam expressar suas opiniões sobre o projeto, ficaram bastante ruidosos e falantes. Levei tempo para acalmá-los e fazer com que focassem na atividade. Conseguimos registrar 18 comentários, creio que foi o momento de maior participação. Não colocarei todos os comentários aqui, apenas os que chamaram minha atenção na pesquisa.

*Aluna 10 turma;B Eu gostaria de fazer informatica,matematica,portugue,dança e varias coisas.As que mais me agradaram foi dança,portugues,matematica para falar a verdade todas.Quero copotador novos e mais ropas etc.*

*Aluna 10, fico feliz em ver que gostas das oficinas do projeto. Temos mesmo que aproveitar tudo que a escola nos proporciona, esse período é um dos melhores de nossas vidas, fazemos amigos, aprendemos coisas novas...é muito*

*Espero que logo tenhamos equipamentos mais modernos no laboratório para*

*que todos possam desfrutar e aprender mais!*  
*Prof.Maria*

Como vemos acima, foi neste momento que percebi a importância de dar um feedback aos comentários do grupo. E respondi a todos. Creio que esse diálogo é o que valida e torna as interações mais significativas para eles. Ainda mais quando se trata de utilizar o blog, hoje percebo que devemos explorar toda sua potencialidade.

No caso dessa menina vê-se que ela queria expressar o quanto gosta do projeto e como é importante para ela. Também destaco o final em que ela menciona seus desejos (computadores novos e roupas). Recebemos doações de roupas e agasalhos da comunidade escolar, professores, pais, alunos e as repassamos para aqueles que se mostravam em situação mais vulnerável.

Nesse comentário podemos notar a importância de ter roupas e agasalhos que ajudem a aplacar o frio ou mesmo para poder trocar quando chega a internada de vários dias de chuva. Tínhamos um grande número de faltas justamente no período de dias mais frios ou chuvosos. Assim como muitos participavam pensando primeiramente no café da manhã e no almoço, também faltavam muito por falta de agasalho para abrigá-los do frio e da chuva. As carências de muitos do grupo não podem ser desconsideradas e muito menos a importância do projeto para que esses sujeitos tenham tempos e espaços para vivências mais dignas e formadoras.

No comentário abaixo

*Aluna 11*

*Turma: B*

*01:R: Gostaria de fazer informática uns 03 dias na semana, matemática 01 dia, espanhol 01 dia e dança 02 dias.*

*02:R: O que mais me agradou foi a oficina de letramento,dança e informática.*

*03: Menos brigas, mais atenção e cooperação nas aulas,etc...*

*Que bom, Aluna 11! Adorei saber que as oficinas de informáticas são das tuas preferidas. Realmente é muito bom estar conectado com o mundo.*

*E concordo plenamente quando falas em menos conflitos, mais atenção e cooperação. Somos um grupo e temos de estar unidos para o bem e permanência do projeto. Se nos unirmos poderemos melhorar cada vez mais!*  
*Prof. Maria*

Vemos um sujeito participante mais maduro que olha para o projeto e também para o grupo que dele participa. A menina destaca a importância de resolvermos os conflitos, de cooperarmos, de estarmos atentos. Isso demonstra um olhar mais reflexivo e consciente sobre o projeto, embora seja uma criança, mostra maturidade e gratidão em seu pensamento.

Destaco ainda o comentário a seguir:

*Aluno 1*

*turma ,b,4 amo idade 12*

*andar de moto cros*

*andar dew moto*

*uma iternete melhor e melhor professore melhor diretora no projeto*

*Aluno 1, a tua paixão por motos pode ser realizada quando fores mais velho, é um belo esporte, mas cheio de riscos também. Tem que treinar muito!*

*Concordo que uma internet mais potente facilita uma navegação mais tranquila. Quanto aos professores e diretora do projeto, acho que focalizas muito a tua agressividade e acabas hostilizando os professores, por isso te parecem ruins, mas se tiveres um comportamento mais adequado e menos violento verás que todos gostam muito de ti, basta dares uma chance das pessoas se aproximarem.*

*Prof. Maria*

O aluno 1 sempre se mostrou agressivo, violento, dominador. Muitos dos monitores do projeto reclamavam do comportamento do menino, que era sempre hostil e violento. Se olharmos minuciosamente o blog e outras atividades, veremos que poucas vezes ele efetivamente participou. Contudo, neste *post* ele se expressa. Lançando meu olhar sobre o que ele diz, noto que ele deixou de lado as perguntas que eu fiz e focou em expressar seus sonhos,

sua paixão por motos. Posteriormente ele vai reclamar da internet, dos professores e da coordenação do projeto.

Tentei responder a ele de maneira carinhosa e tranquila, mas apontando que algumas das críticas dele eram reflexo do seu próprio comportamento com o grupo. Devo ressaltar aqui, que apesar das várias vezes em que ele se envolveu em situações de violência e agressividade como os colegas e com os professores, nunca se mostrou violento comigo. Depois dessa atividade, em outro encontro, o menino me confessou que passava muito tempo na rua, que o pai era extremamente violento e resolvia tudo batendo nele, na irmã ou até mesmo na mãe.

Foi uma situação extremamente complexa, pois se eu relatasse o que ele me contou estaria traindo sua confiança, todavia não poderia fechar os olhos diante dos fatos. Repassei as informações para a coordenação do projeto e pedi que as atitudes tomadas dali em diante levassem em consideração que o aluno havia me confidenciado essas informações. A direção e coordenação chegaram a conversar com a mãe do menino que, na sua fala, confirmou alguns fatos e desmentiu outros. E o que fica, em nós educadores, é uma sensação de impotência com relação a algumas situações. Por tudo isso, acredito no poder da afetividade nas relações de ensino-aprendizagem. Também percebo a importância desses projetos de educação integral, justamente para que esses sujeitos tenham a oportunidade de desfrutar e conviver nesses espaços que podem influenciar na sua formação como cidadão.

## **7º Encontro:**

Tema: O poeta da simplicidade

2-Objetivos: despertar a sensibilidade para com a leitura poética; perceber os recursos linguísticos utilizados e os múltiplos sentidos possíveis; relacionar e interpretar imagem e texto.

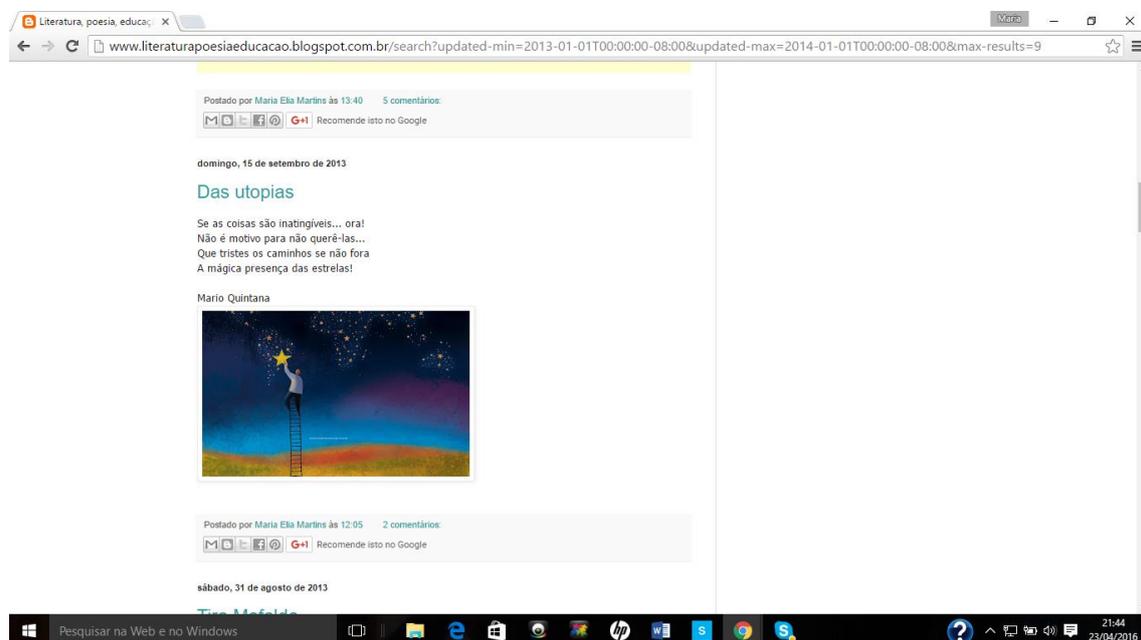
3-Conteúdos: uso da ferramenta blog; leitura e interpretação; produção oral e textual.

4-Duração: duas horas/aula.

5-Recursos: laboratório de informática da escola; internet; o blog.

6-Etapas: ligar os equipamentos e acessar o blog; leitura do poema e da imagem; debater sobre as percepções; construir os comentários no blog.

## REFLEXÕES:



No dia *16 de setembro de 2013*, trabalhamos com mais um poema do Mario Quintana “Das Utopias”. Somente três alunos do grupo compareceram, estavam particularmente agitados, pois toda vez que tínhamos poucos presentes, insistiam em que eu os liberasse das atividades e deixasse que eles navegassem livremente pela internet. Apenas um dos alunos demonstrou interesse pelo poema e temos apenas o seu comentário registrado. Os outros dois ficaram praticamente toda o tempo tentando acessar outros sites. Tive de ameaçar desligar os cabos de internet de seus computadores para que calmassem um pouco em suas atitudes.

## Das utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos se não fora  
A mágica presença das estrelas!

Mario Quintana

Podemos observar que nesse *post* busquei trabalhar conjuntamente com o poema uma imagem. Já que ao longo dessas oficinas foi possível perceber que as imagens eram motivadoras para o grupo. E podemos comprovar isso no comentário abaixo.

*Das utopias*

*Eu entendi que você não deve desistir dos seus sonhos , por exemplo de Mario Quintana ele queria alcançar as estrelas para desejar um pedido*

*Aluno 2*

*professora: Maria Elia Martins*

Vemos que o aluno 2 faz relação entre o texto e a imagem, já que o personagem da imagem está tentando tocar as estrelas e, o aluno, deduz que o poeta queria fazer um pedido para as estrelas. O menino imagina que o personagem da imagem é o poeta. Vale ressaltar que o menino me perguntou o que era uma utopia e eu o aconselhei que buscasse e pesquisasse na internet sobre o vocábulo. Acredito que a pesquisa o auxiliou na interpretação e formulação de sua hipótese.

### **8º Encontro:**

Tema: A Poesia de Cecília

2-Objetivos: despertar a sensibilidade para com a leitura poética; perceber os recursos linguísticos utilizados e os múltiplos sentidos possíveis; relacionar e interpretar imagem e texto.

3-Conteúdos: uso da ferramenta blog; leitura e interpretação (vídeo, áudio, escrita); produção oral e textual.

4-Duração: duas horas/aula.

5-Recursos: laboratório de informática da escola; internet; o blog.

6-Etapas: ligar os equipamentos e acessar o blog; leitura do poema e da imagem; debater sobre as percepções; construir os comentários no blog.

## REFLEXÕES:

domingo, 13 de outubro de 2013

### A Língua de Nhem

Havia uma velhinha  
que andava aborrecida  
pois dava a sua vida  
para falar com alguém.

E estava sempre em casa  
a boa velhinha  
resmungando sozinha:  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia  
no canto da cozinha  
escutando a velhinha,  
princípiou também

a miar nessa língua  
e se ela resmungava,  
o gatinho a acompanhava:  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro  
da casa da vizinha,  
pato, cabra e galinha  
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam  
a falar noite e dia  
naquela melodia  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Minha lista de blogs

- palavras que atormentam  
doce conversa...  
Há 2 anos
- O cantar triste da cotovia  
está frio...  
Há 2 anos

Arquivo do blog

- 2014 (3)
  - Abril (2)
    - Um pouco sobre Schlee...  
Monteiro Lobato
    - Março (1)
  - 2013 (9)

Quem sou eu

Maria Elia Martins  
Seguir 7  
Visualizar meu perfil completo

No dia *14 de outubro de 2013*, trabalhamos com “A língua do Nhem”, poema de Cecília Meireles (Anexo 3). Além do texto do poema, postei também um vídeo com a poesia musicada e animada ([http://www.youtube.com/watch?v=WI\\_-Sio2TBE](http://www.youtube.com/watch?v=WI_-Sio2TBE)). Considero este encontro como um momento importante da experiência, pois percebi que o vídeo expondo a música, as imagens e o texto poético os motivou muito. Cantavam a

música e riam muito da velhinha (personagem). Foi um dos encontros em que mais fiz mais anotações de campo porque os alunos participaram bastante.

Tínhamos 10 alunos presentes. Estavam agitados e barulhentos. Seguiam a rotina de reclamar das máquinas e da internet. A direção me solicitou que eu desligasse a internet do laboratório, pois havia um técnico trabalhando nos computadores da secretaria. Assim os alunos tumultuaram querendo saber se naquele dia não utilizaríamos a internet. A direção explicou que não levaria muito tempo.

Eu estava retomando outras atividades de software com a turma e quase desistindo da ideia de trabalhar com o blog naquele dia quando a diretora nos avisou que poderíamos religar a internet. Só então expliquei que trabalharíamos com o blog e que tínhamos um *post* novo com a poesia e o vídeo. Automaticamente todos os presentes foram tentando acessar o blog. A princípio pensei que eles achariam o vídeo, a poesia, a canção, muito infantis, todavia, as manifestações eram de grande animação.

Não posso deixar de mencionar que a demora no carregamento do vídeo quase pôs tudo a perder, pois eles já estavam se dispersando quando finalmente um dos computadores carregou. Acabamos nos reunindo entorno dessa máquina para assistir o vídeo, ligamos uma das poucas caixas de som que ainda funcionava bem para melhor escutar. Percebo que o vídeo (re)significou o poema para os presentes. Assistiram várias vezes e gravaram de tal forma a música que seguiram cantarolando-a. Ouvi muitas expressões como: “*Que massa esse vídeo!*”, “*Da hora a musiquinha! Ahahahah*”, “*Essa poesia é divertida!*”, “*Pobrezinha da veinha!*”.

Considero perceptível que se eu postasse apenas o poema, sem o vídeo, provavelmente o entusiasmo e a recepção não seriam as mesmas. Contudo, não posso deixar de ressaltar que a forma bem-humorada e criativa que a autora imprimiu ao texto cativou os participantes. Obtivemos cinco comentários a respeito do post, até mesmo porque restou pouco tempo para os comentários devido a agitação do grupo com relação ao vídeo. Todos

elogiaram e mostraram-se animados com relação ao poema, falaram com bom-humor, indicando que a música fez a diferença, como vemos abaixo.

*ALUNA 5 TURMA A*

*costei do video por que tem a musica*

*Aluna 3 - eu gostei do video muito da hora adorei*

*Aluno 2*

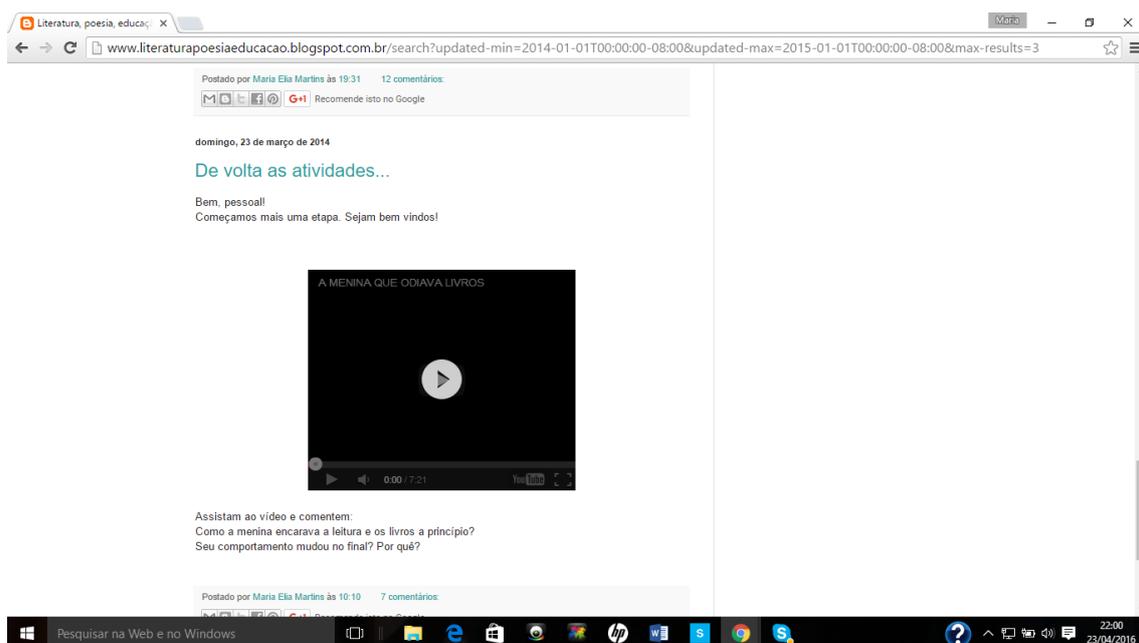
*professora maria*

*era uma velinha que só reclamava falando:*

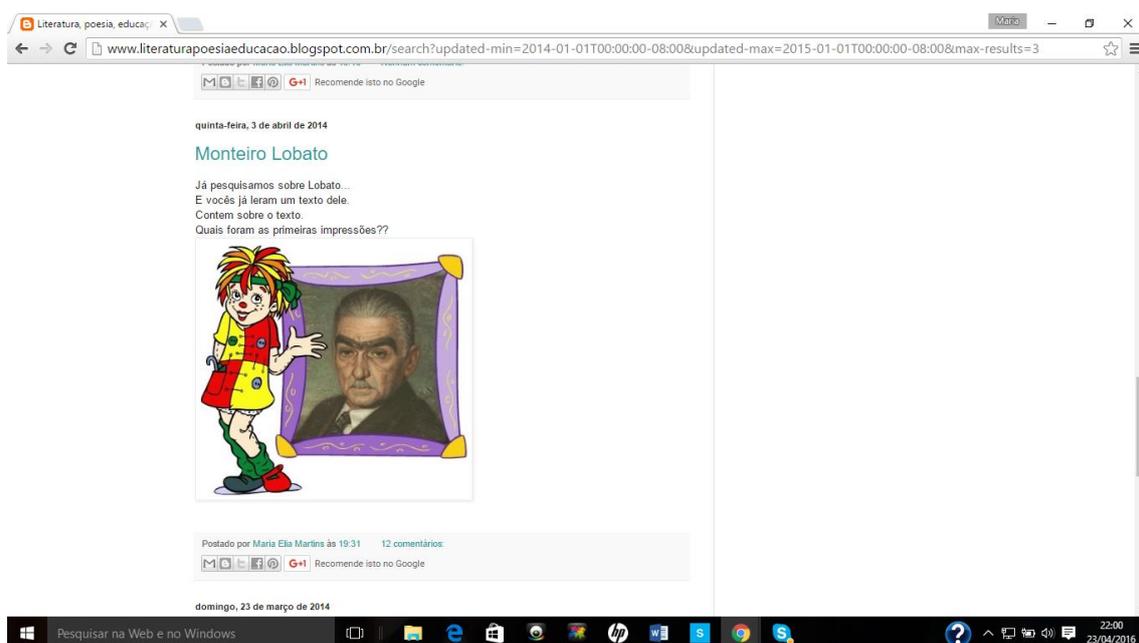
*nhem nhem*

*depois todos os animais acompanhava ela ehehehe*

Esses foram *posts* de 2013, foram as primeiras experiências tentando unir a leitura literária e a ferramenta blog. Em 2014 ainda fiz mais três posts no blog. Trabalhamos um vídeo animado “A menina que odiava livros” (<http://www.youtube.com/watch?v=RS1QW4TKhJQ>) que rendeu 7 comentários, sendo que foram desenvolvidos em duplas pela problemática dos computadores mais lentos. Pedi que fizessem em duplas para agilizar o processo, dessa forma, 14 participantes conseguiram registrar suas impressões no blog.



O segundo post de 2014 foi sobre Monteiro Lobato. Foi um trabalho desenvolvido em conjunto com a oficina de leitura. Os alunos estavam trabalhando com livros de Lobato e na oficina de cultura digital fizeram uma pesquisa sobre o autor. Obtivemos 12 comentários. Destaco alguns para observarmos que nosso trabalho, na maioria das vezes, não atinge todos os participantes.



### *Aluno13 nao lembrodaistoria*

Vemos, no comentário acima que o aluno não foi tocado pela atividade. Não lembra da história que leu na oficina de leitura, se é que realmente leu. Não mencionada nada a respeito da pesquisa sobre o autor. Parece registrar esse comentário apenas como forma de se livrar de alguma cobrança.

Já neste

### *Aluno 9*

*o nome da historia é o sitio do picapau a amarelo eu acho historia muito boa quado eu crescer eu gue ro fazer uma historia dela um dia eu vou pegar ivou pegar o caderno e vou fazer a historia*

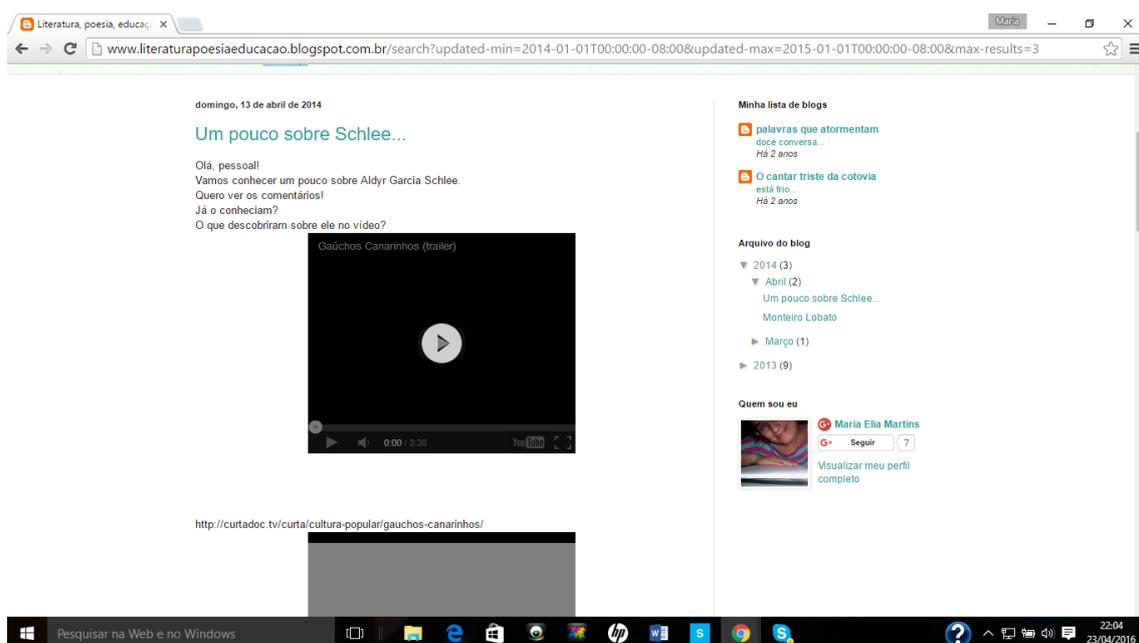
Vemos novamente o entusiasmo do Aluno 9, com dificuldades de aprendizagem sobre as quais já comentei anteriormente. Ler comentários como este é que mantém a chama da esperança acesa. Com tantos problemas para ler e escrever, ele se mostra aberto, cheio de sonhos, entusiasmado com a leitura, demonstrando desejo de ser escritor. Quando ele se mudou com a família para outra cidade estava em um processo crescente de aprendizagem, podíamos notar grandes progressos. Aí percebemos que se conseguirmos atingir alguns dos participantes já estamos alcançando o êxito.

#### *Aluno 14*

*quando eu vi o sitio do picapau amarelo pela primeira vez eu adorei e descobri que foi o monteiro lobato que escreveu eu li muitos livros*

O aluno do comentário acima mostrava nas atividades do projeto que tinha um suporte e uma atenção em casa, com a família. Percebíamos que possuía um leque de leituras. Desde o princípio se mostrava motivado para trabalhar com autores novos e conhecer outras histórias.

O terceiro e último *post* de 2014, ocorreu pouco antes de eu assumir minha vaga como professora estadual e ter de deixar o projeto. Eu já tinha feito seleção e começava a cursar o “Mestrado Profissional em Ensino de Línguas”. Foi um trabalho para que os alunos conhecessem um autor contemporâneo e jaguarense, Aldyr Garcia Schlee, postei o vídeo “Gaúchos Canarinhos” (<http://www.youtube.com/watch?v=3x9JdJWeZTA>) que fala sobre a trajetória de Schlee, como amante da fronteira Jaguarão/Río Branco, sobre seus contos e sobre o fato de ele, ainda muito jovem ter desenhado o uniforme da seleção brasileira, que até hoje é bastante emblemático para o futebol.



Também trabalhamos com um pequeno conto do autor, “As Grandes Onças Brabas” (Anexo 4), que trata de uma lenda local. Foi um ótimo trabalho, pois os alunos mostraram-se surpresos de ser um jaguarense o criador do uniforme canarinho. Comentaram sobre as imagens do vídeo: “*Olha lá, a ponte!*”, “*Ali a beira do rio!*”, “*É a praça da beira do rio!*”. Mas o maior furor foi em relação ao conto, pois por tratar de uma lenda local, os alunos fizeram várias inferências. Contaram-me que trabalharam com lendas no turno normal de aula. Então todos queriam falar sobre as lendas que conheciam. Alguns mencionaram que já conheciam a lenda dos “Jaguarões”, seres míticos que habitariam a beira do rio, mas que não era assim da forma que Schlee contava. Foi riquíssimo, pois pudemos conversar sobre coisas como a criação e recriação de histórias. Sobre a flexibilidade das lendas por serem histórias passadas pela oralidade, sobre elementos do texto: reconhecimento do espaço, o narrador, elementos que nos levavam a interpretar o texto como uma lenda.

Os alunos se frustraram por não conseguirem registrar nenhum comentário no blog, simplesmente a internet “caiu” e não conseguimos mais nos conectarmos. Esse é um risco que se corre quando se trabalha com as tecnologias, ainda mais na escola, que sofre com algumas debilidades até mesmo por falta de investimento em equipamentos e assistência técnica. Eu

deveria ter posto, como tema de debate para os participantes, esses problemas enfrentados no projeto. Vale ressaltar que temos registro de mais de 14 comentários sobre Schlee na página que criei, em 2014, na rede social *facebook* (<https://www.facebook.com/maiseducieees>).



A página foi criada em minha conta do *facebook*, obtive a autorização da coordenadora do projeto para que pudesse postar fotos e imagens do grupo e para permitir que os alunos comentassem na página utilizando minha conta, preservando suas identidades. Temos registradas nove postagens com média de quinze a vinte comentários cada uma. Esse trabalho com a página da rede social renderia outra pesquisa, mas que não é o nosso foco nesse trabalho. Fica então a possibilidade de uma nova pesquisa com esses outros dados.

Dessa forma, encerro os relatos da aplicação do projeto piloto que deu origem a nossa proposta metodológica. Passamos a descrevê-la.

### 3.2- A PROPOSTA EM SUA VERSÃO FINAL

Essa proposta metodológica nasce das experiências relatadas anteriormente. Pode ser utilizada a partir do 4º e 5º ano, pelo fato de os alunos estarem alfabetizados e também porque no Ensino Fundamental não há

disciplina voltada para a literatura, esta só terá seu espaço garantido no Ensino Médio.

Para o desenvolvimento da proposta de leituras literárias por meio da ferramenta tecnológica (*blog*) é necessário apenas o laboratório de informática, internet e material literário (livros, PDFs, vídeos, impressos, etc.). É importante deixar claro que a proposta prima por dar autonomia ao aluno na construção do conhecimento. Nela o aluno participa ativamente desde a confecção do blog, leituras literárias, pesquisas, produções textuais, debates reflexivos, disseminação e divulgação do blog. O intuito da metodologia é oportunizar um conhecimento mais amplo da literatura em relação com outras artes, com seus múltiplos textos (visuais, musicais, fílmicos e impressos) e proporcionar ao aluno a pesquisa e a construção do conhecimento<sup>25</sup> sobre o contexto de produção da obra, dados biográficos do autor e outras informações relevantes para uma elaboração mais aprofundada de sentidos. É relevante que as atividades tenham periodicidade, no mínimo duas vezes por semana.

O professor pode partir da realidade e contexto do aluno na hora de selecionar os textos, dando preferência aos autores contemporâneos para então avançar para textos clássicos. O docente pode mediar e incentivar os discentes para que as produções, debates e demais atividades não sejam incipientes, mas que agreguem conhecimentos novos e promovam a importância da criatividade, da imaginação e da leitura literária na construção identitária e cultural do aluno. Que ele possa, através dessas atividades, apurar seu olhar estético e ter outra relação com o mundo que o cerca, mais humana e criativa.

Para isso, consideramos que o produto dessa pesquisa envolve oito passos:

No **primeiro passo**, recomendo ao professor fazer um planejamento das ações. Montar um cronograma que, aproximadamente, preveja e organize os seguintes itens: Pesquisa e aprendizagem sobre como confeccionar um blog;

---

<sup>25</sup> Com base nos conceitos de Lev Vygotsky. VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

pesquisa e seleção dos textos literários; pesquisa do contexto de produção das obras; confecção do blog; cronograma de leituras e posts de acompanhamento; debates, reflexões sobre as primeiras leituras; comentários; e, finalmente, divulgação.

O **segundo passo**, pode abranger três encontros de no mínimo duas horas/aula. Já contemplando o primeiro item do cronograma “*Pesquisa e aprendizagem sobre como confeccionar um blog*”, o professor pode deixar os alunos cientes do trabalho que será desenvolvido e construído no grupo. A ideia central é formar uma comunidade leitora para trabalhar com textos literários, para isso será utilizada a ferramenta blog (diário virtual). O professor criará o blog e utilizará o equipamento de data show que há no laboratório de informática para pesquisar e mostrar ao grupo como se dá a construção de blogs. Essa etapa é fácil e gratuita, basta ter uma conta Google e acessar [www.blogspot.com](http://www.blogspot.com).<sup>26</sup>

Antes da confecção dos blogs pode-se fazer uma pesquisa com os alunos para que eles conheçam blogs já existentes sobre literatura e outros assuntos, para que observem como é o *layout* e os recursos que essa ferramenta proporciona. Conscientizá-los de que esse espaço virtual pode ser visitado por qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, o que pode ser uma motivação e também um desafio.

Nessa etapa teremos que dedicar um tempo para aprender a confeccionar os blogs com a ajuda e mediação do professor que pode encontrar subsídios em tutoriais que estão circulando na própria internet:

<http://www.comofazer.net/como-fazer-um-blog-blogspot/>

<http://www.comocriar.net.br/como-criar-um-blog/>

<http://criar1blog.blogspot.com.br/>

O **terceiro passo**: a “*Pesquisa e seleção dos textos literários*”, poderá ocupar de três a quatro encontros. Neste momento o professor pode, de

---

<sup>26</sup> Os sites e tutoriais sugeridos neste trabalho partem das experiências vivenciadas por mim.

alguma forma, sondar o grupo para perceber seus gostos e expectativas. Para, partindo disso, começar a fazer uma pesquisa e seleção dos autores e obras, sem descartar a participação dos alunos. Posteriormente, outros autores que o docente pense ser relevante para o trabalho podem ser incluídos. Para orientar os discentes na pesquisa é necessário que o professor já tenha em mente seu foco de trabalho, por exemplo, obras contemporâneas, clássicas, etc.

Parece-nos importante a diversidade dos gêneros literários e autores para que o grupo de alunos também se sinta à vontade para optar e fazer escolhas como entre poesia e narrativa, por exemplo. Durante o trabalho o professor pode intermediar e dar subsídios para que o aluno desenvolva a autonomia nas atividades. Sugiro nessa etapa a seleção de autores locais para que o aluno reconheça e faça relação entre o espaço ficcional e o físico. Em relação à realidade jaguareense, poderíamos eleger Aldyr Garcia Schlee ou Martin César (Dez sonetos delirantes e um Quixote sem cavalo - poesia – Martin César) e posteriormente, para um diálogo com a obra selecionar então o clássico (Dom Quixote de La Mancha – Miguel de Cervantes).

De posse dessas escolhas o professor parte para o **quarto passo** que engloba a “*Pesquisa do contexto de produção das obras*”, que possivelmente ocupará três encontros. Nessa etapa o grupo deve buscar dados relevantes sobre os autores e obras, também outros materiais como sites, vídeos, músicas que tenham relação com os textos selecionados. Estes materiais podem ajudar na construção de sentidos e também podem ser postados no blog. É produtivo que os alunos participem efetivamente das pesquisas sobre os autores e obras elencados, pode estimulá-los e ajudar nas escolhas. Quanto mais variadas forem as escolhas, mais enriquecedor será o compartilhamento das leituras.

Cabe aqui salientar outras possibilidades que a proposta suscita. Criar sugestões de leituras para postar no blog, links para outros sites interessantes sobre leitura e literatura, ou seja, abrir outras opções de leituras para os alunos. Tudo isso com a prévia seleção do professor. Esses posts com sugestões de leituras podem englobar pequenos vídeos ou outros elementos que promovam a motivação dos alunos a buscar novas leituras. Por exemplo, se o professor

quiser sugerir a leitura do clássico “Alice no país das maravilhas” de Lewis Carroll, ele pode postar um pequeno vídeo da adaptação para desenho animado da Disney (youtube), ou ainda, postar um trailer da versão fílmica e conjuntamente pôr um link para o pdf da obra original.

O **quinto passo** será a “*Confecção dos blogs*” e o número de encontros utilizados na feitura do blog irá depender do conjunto de obras escolhidas. É necessário ao menos um encontro por obra. Nessa etapa é interessante que o professor motive os alunos a usarem a criatividade e ajudarem na hora das escolhas, como a do título do blog, por exemplo. Que ao ir confeccionando o diário, o grupo já tenha em mente qual o seu enfoque (poesia, conto, crônica, romance, etc), qual o autor, qual a coletânea de textos, os dados do contexto de produção. Essa cooperação nas ações é primordial para a construção do conhecimento.

Podemos ter no blog ferramentas como: chats, links com outros sites e blogs, seguidores, etc. Nos próprios *posts* do blog o docente pode lançar orientações e propostas de trabalho, de acordo com o andamento das produções dos discentes.

No **sexto passo** será feito o “*Cronograma de leituras e posts de acompanhamento*”. Aqui devemos considerar a extensão e complexidade dos textos para estabelecer os prazos para leitura. O professor deve organizar os prazos para as leituras e lançamentos dos posts no blog. Pode verificar se os alunos estão realmente fazendo as leituras lançando perguntas norteadoras no blog para que os participantes postem as respostas e reflexões. Esse é o passo mais importante e que demanda mais tempo e atenção. Também é o passo mais trabalhoso para o professor que terá de acompanhar o blog, como estão evoluindo as leituras e a produção textual das reflexões que os estudantes vão lançar em seus posts. Recomendamos que se utilize de um a dois encontros para cada texto, assim será possível ler, debater e organizar os comentários.

Nessa etapa, concomitante com as leituras e os posts, temos que dedicar espaço para os “*Debates, reflexões sobre as primeiras leituras*”. Faz-se

necessário a abertura para que os alunos compartilhem com o grupo as suas leituras e reflexões para que haja troca e sugestões. Assim, todos conhecem os trabalhos dos colegas e podem contribuir e aprender com essa interação. Nesse item do cronograma os discentes aprendem a ouvir e a se expressar, aprendem a compartilhar suas leituras e interpretações; também como a formação dessa comunidade leitora e seus compartilhamentos são enriquecedores para suas próprias leituras.

O **sétimo passo** são os “*Comentários*”. Este passo é quando são produzidos os registros e a participação dos alunos no blog, inclusive nos posts dos demais integrantes do grupo. É necessário que o professor acompanhe e retorne um feedback nos comentários. Essa interação é necessária para que se configure a comunidade leitora. A participação pode se dar com dicas, críticas e outras contribuições. Podem ser feitas nos comentários dos próprios posts ou ainda em espaços com o chat, por exemplo. Outra possibilidade é o professor criar um fórum no blog e lançar questionamentos sobre as leituras para que os alunos se posicionem. O professor pode escolher e mediar os temas dos debates. E o leque de possibilidades é amplo: elementos formais, períodos literários, contexto da obra, hipóteses interpretativas, escrita criativa, etc. Acreditamos que cada texto merece um encontro dedicado apenas aos comentários. Lembramos também, que o professor deve dar um feedback e responde aos comentários dos alunos.

Acreditamos que devemos abrir, em algum momento, espaço para escrita criativa, oportunizando aos alunos exercitar a criatividade e imaginação. Nesse momento o docente pode sugerir que os discentes criem outros desfechos para contos, romances, fábulas, que se aventurem na arte poética, etc. Nesse ponto o aluno pode usar outras linguagens: confeccionar um pequeno vídeo, musicar uma poesia, ilustrar alguma obra, etc. Em um conjunto de três a quatro encontros poderia se desenvolver esse tipo de atividade.

O **oitavo e último passo** é a “*Divulgação dos blogs*”. É quando os integrantes, já conscientes de que um trabalho na web é aberto ao público em geral, devem buscar disseminar suas produções. As redes sociais são um

espaço propício para divulgação e compartilhamento. Também, por se tratarem de trabalhos de produção cultural e literária, o espaço escolar é primordial para expor o trabalho de seus alunos. Eventos como feira do livro, encontros na Casa de Cultura da cidade podem ser uma alternativa.

Para avaliar os êxitos e os problemas da proposta o professor pode adotar uma concepção de avaliação formativa<sup>27</sup>, pois os alunos possuem processos de aprendizagem diferentes. Neste sentido, propomos uma avaliação que foque no processo e não em um produto. Observando os avanços do grupo, mas também atentando para o processo individual. Conforme Luckesi (2011) destacamos também a importância da auto avaliação dos alunos e também do professor e que haja o compartilhamento no grupo.

Outra sugestão avaliativa é que o professor organize uma sondagem ou um teste, logo no início da aplicação da proposta para perceber como os alunos se relacionam com a leitura literária. E, ao final da proposta, aplica novamente a sondagem ou teste para observar o que mudou, quais os avanços e dificuldades. Esse tipo de avaliação serve para que o professor possa verificar os avanços do grupo no que diz respeito a formação de leitores literários.

A proposta, em sua totalidade, pode ocupar um semestre inteiro, dependendo do número de textos selecionados para o trabalho. Passamos, na próxima seção, ao processo de análise dos dados produzidos nessa pesquisa.

### 3.3- ANÁLISE DA PROPOSTA

Neste tópico, descrevemos quais foram os instrumentos de coleta de dados, também quais os processos de análise dos dados coletados ao longo da aplicação da proposta. Embasamo-nos em Bogdan & Biklen (1994) e em Damiani (2013).

---

<sup>27</sup> “Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens” de Domingos Fernandes (<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1454/1454.pdf>)

Vale observar que conforme Bogdan & Biklen (1994) dados são os materiais em bruto que os pesquisadores do contexto estão estudando; são a base a ser analisada. Os dados incluem: notas de campo, fotografias, produções dos participantes, entrevistas, diários, também podem ser documentos oficiais, artigos de jornais ou revistas, etc. Os dados se apresentam como “as provas e as pistas”, conforme os autores propõem.

#### No que diz respeito à análise dos dados

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p.205)

Nesse sentido, os autores nos alertam para a importância de ter claro o recorte do estudo que queremos realizar. Precisamos desenvolver questões analíticas para filtrar os dados. Porém essas questões podem surgir dos próprios dados, como por exemplo, algo recorrente na produção escrita ou oral dos participantes.

O diário de campo foi um instrumento que utilizei para anotar detalhadamente tudo que ocorreu durante a intervenção (aplicação do projeto piloto), como conversas informais, comportamentos, expressões, etc. Outro instrumento utilizado para coleta de dados foi as produções dos alunos no blog, que serviram de subsídio para essa pesquisa.

Também a documentação indireta, documentos da escola e do projeto de educação integral, que trouxeram informações relevantes para caracterizar o contexto e os sujeitos da pesquisa. De posse desses dados começamos então a buscar questões pertinentes para nossa pesquisa e produto pedagógico, nesse sentido, tentamos auxiliar outros profissionais da educação e construir reflexões sobre essa experiência que penetra em um universo tão rico, que é a educação.

Neste espaço faço minhas reflexões sobre a experiência fundamentando-as com a pesquisa bibliográfica. Foi observando as dificuldades e os acertos da aplicação do projeto piloto que consegui repensar

e reformular a proposta metodológica – Blogados na Literatura. Percebo que somente na prática, vivenciando e experimentando as ideias é que conseguimos dimensionar suas falhas e seus êxitos. Por isso a importância do planejamento por parte do professor. As ideias parecem perfeitas no papel, mas é somente com a ação que conseguimos olhar, repensar e recriar. Pensando no planejamento, sugiro no primeiro passo da proposta, que o professor aplicador crie um cronograma para que possa organizar suas ações.

Atentando para o relato da aplicação do projeto piloto observo o primeiro ponto que me serviu para reformular as ideias iniciais. O fato de levar um blog já pronto, impediu o grupo de alunos de experienciar todos os passos para a criação da ferramenta. Seria muito mais enriquecedor e se transformaria em uma aprendizagem mais significativa (MOREIRA, 1999) para o grupo, participar da pesquisa sobre como produzir e gerenciar um blog. Observando esse dado sugeri no segundo passo da proposta que o professor incluía os alunos participantes na tarefa de construção do blog, escolhendo o nome, sua configuração, para que o grupo deixasse a ferramenta com a “cara” dos participantes.

Um dado que se repete nas notas de campo e inclusive nas produções dos alunos no blog, é a problemática do laboratório de informática, dos equipamentos e da precariedade da internet. Como vimos nas proposições sobre o espaço da Educação Integral, a precariedade desses espaços escolares é um dos entraves para que esses projetos atinjam maiores êxitos. Há necessidade de políticas públicas que amenizem esses problemas como aponta Limonta et al. (2013). Também o relato sobre a aplicação do projeto piloto aponta que, muitas vezes, as ações não obtiveram um maior êxito em função dessa precariedade do laboratório de informática. Embora também mencionamos nesse trabalho ações e políticas públicas que proporcionaram que os alunos do Ensino Fundamental tenham acesso, atualmente, a *netbooks* na escola (Projeto Província de São Pedro).

Podemos observar outra questão que surge, tanto das notas de campo como das produções dos alunos, que é a vulnerabilidade de muitos

participantes do projeto. O universo dos alunos do projeto englobava dificuldades socioeconômicas, psicológicas, de aprendizagem, enfim, temos uma diversidade de saberes e de realidades e Moll et al. (2012), vislumbra a importância desses projetos para que a escola possa ofertar tempos-espacos mais dignos para que esses sujeitos possam vivenciar experiências formadoras, que sejam diferenciadas das atividades do turno normal, contudo, sem perder de vista o foco na ampliação da formação cultural do aluno. Nossa proposta ao unir literatura e tecnologias vai ao encontro da ideia de uma formação interdisciplinar que amplie os conhecimentos culturais do educando.

O relato das atividades desenvolvidas também aponta para a forma rápida como os alunos se dispersavam das atividades, buscando outras, como assistir vídeos, ouvir músicas, sites de jogos, redes sociais. Com base nas proposições sobre a tecnologia na escola, vemos nesses sujeitos da pesquisa, o sujeito do qual nos fala Bauman (2008), multifacetado, inserido em um tempo-espaço episódico, em que se quebra a linearidade. Todavia, não podemos considerar isso como algo ruim, pois como aponta Castells (1999) essas atividades “virtuais” não se opõe às físicas, em verdade se complementam, interagem. O educador tem de se adaptar a esse novo sujeito que tem as tecnologias como uma extensão de sua identidade e buscar integrar os objetivos que deseja alcançar com essa realidade.

Um dos dados que desponta nas notas de campo, é a inquietação que sofri ao perceber que queremos utilizar os blogs, as redes sociais entre outras ferramentas e acabamos esbarrando em questões éticas. Como por exemplo, a criação de contas de e-mails para que possamos usufruir de toda potencialidade das ferramentas de internet. Uma solução provisória foi a utilização da minha própria conta de e-mail. Tratamos com indivíduos menores de idade, portanto, não têm autonomia para criarem contas de e-mail. Por outro lado, não queremos perder as possibilidades tecnológica e desejamos aproveitá-las para novas aprendizagens. Fico ainda refletindo sobre esse aspecto do trabalho e que procedimento seria mais correto, talvez a criação de uma conta no nome do próprio projeto.

A experiência mostra que nas primeiras atividades desenvolvidas no blog não percebi a importância de dar um feedback por escrito nos comentários registrados. Ficamos, muitas vezes, apenas no debate oral. Posteriormente cheguei a responder os comentários registrados, só então percebi esse diálogo virtual como oportunidade. No sétimo passo da proposta sugeri então, que também os alunos respondam aos comentários dos colegas, ainda propus a possibilidade de criação de fóruns de discussões para que se explore ao máximo esse diálogo virtual sobre as temáticas trabalhadas.

Os êxitos também são dados inspiradores, vê-se tanto nas notas de campo como nas produções dos alunos, que a utilização da ferramenta blog foi motivadora. Em nosso aporte teórico sobre a leitura na escola, Zilberman & Rösing (2009) alertam sobre a importância de outros meios de veiculação de textos, como a internet. A escola pode aproveitar essas tecnologias para suas práticas educativas, ainda mais nos projetos de educação integral, que têm como um dos enfoques a cultura digital. Essa proposição vem ao encontro da nossa proposta metodológica que tem como um de seus objetivos a formação de uma comunidade multiletrada, que relacione textos, imagens, sons tendo como suporte ferramentas tecnológicas.

Outro dado que me chamou atenção na pesquisa, foi a questão da divulgação. Os alunos questionaram se outras pessoas poderiam ler nosso blog, embora alguns se mostrassem tímidos, é possível dizer que buscam esse reconhecimento por parte do outro, da comunidade. Nas considerações iniciais desse trabalho falo sobre minha própria necessidade de expressão e de levar esses escritos ao conhecimento do outro. Segundo Lemos (2010), as tecnologias rompem como o modo de difundir a informação, até mesmo na escola. Por isso no oitavo passo da proposta metodológica propomos a divulgação do blog, não apenas na comunidade escolar, mas em eventos da cidade, como a feira do livro, eventos na casa de cultura local. Isso faz com que o grupo se sinta valorizado, percebendo que ao produzir cultura e conhecimento, não devemos guardá-lo e sim difundi-lo.

O projeto piloto, aplicado sem o planejamento adequado, deixa claro a falta que fez uma sondagem ou pré-teste para conhecer os saberes do grupo. Quando Moll et al. (2012) trata das dimensões que Paulo Freire propõe para uma educação mais humanizadora, também ressalta a importância de partirmos dos saberes do educando, compreendendo seu contexto e partindo dele para construir novos conhecimentos. Nesse sentido, enfatizamos em nossa proposta a importância de fazer um pré-teste para conhecer os saberes do grupo. Na análise dos dados ficou clara essa falha da falta de conhecimento da realidade do grupo, buscamos corrigi-la com a sugestão e proposição do pré-teste.

Um dado que se evidencia nas notas de campo e nas produções dos alunos é a cooperação e interação. Percebo que a ferramenta blog e os textos literários propiciaram que os alunos interagissem mais. No uso do blog, por exemplo, os que tinham mais dificuldade obtiveram ajuda de um par competente, conforme (VYGOTSKY, 1998). Este par, que possuía mais habilidade com as tecnologias, auxiliava seu companheiro a apreender novos conhecimentos sobre a ferramenta. Ao auxiliar o colega também acontecia a aprendizagem compartilhada. Considero de o uso dessas ferramentas tecnológicas ajuda até mesmo nas relações aluno/aluno, pois, com minha moderação, eles aprenderam a respeitar as dificuldades do outro, auxiliando, trocando informações. Também aprenderam ao ajudar e conhecer os saberes do aluno em dificuldades. Há uma troca extremamente produtiva e humanizadora.

Os textos literários também se prestaram a essa interação e cooperação, pois antes de registrarem seus comentários o grupo trocava impressões oralmente. Conhecer a leitura do outro surpreendia-os e enriquecia a sua própria leitura (PAULINO & COSSON, 2009). A leitura tem se transformado e o que antes só era alcançado somente através da leitura literária, hoje é abarcado por outros meios de comunicação e pelas novas tecnologias, segundo Colomer (2007). Nesse sentido, nossa proposta se volta para essa questão, unindo algo que é inerente as novas gerações – as tecnologias - e os textos literários, que para a autora, são modelos simbólicos

que nos permitem compreender a realidade de forma criativa e estimulando a imaginação.

Ao observar o relato do projeto piloto podemos destacar que os posts que envolveram os textos de Manoel de Barros e Cecília Meireles despertaram nos alunos interpretações mais criativas, imaginativas. Surpreendo-me já que os subestimei pensando que não se identificariam com os textos. Isso nos leva a reforçar o terceiro passo, que trata da pesquisa e seleção dos textos literário, nele todo o grupo participa efetivamente das escolhas, contudo, é importante a mediação do professor para que partamos das preferências dos alunos e de obras que abarquem o contexto do grupo, mas sem deixar de lado opções mais complexas e universais. No projeto piloto trabalhamos com textos curtos, pois foi o que nos pareceu mais apropriado em função do tempo de duração das oficinas.

É isso que Moll et al. (2012) sugere trazendo as cinco dimensões, para uma educação humanizadora, de Paulo Freire. Também Zilberman & Rösing (2009), Paulino & Cosson (2009) e Colomer (2007) destacam a potencialidade dos textos literários para uma formação humanizadora, que compreende “a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferecer instrumentos para compreendê-la” (COLOMER, 2007, p.27). Fica clara a importância da leitura literária nos processos educativos, tendo em vista sua riqueza e o leque de possibilidades que abre ao educando. Desenvolve a criatividade, a imaginação, potencializa a escrita o olhar estético. Estévez (2011) considera a literatura como fonte de experiências humanizadoras capazes de fazer com que reconheçamos o outro, nos reconheçamos e que reformulemos nossa visão de mundo.

Vimos que os participantes aprenderam a relacionar diferentes linguagens, imagética, textual, sonora. O que vai ao encontro de nossas proposições de formar uma comunidade multiletrada, capaz de trabalhar com essas diversas linguagens. Lévy (2008) menciona a importância de utilizar o espaço virtual (Ciberespaço) para que relacionemos os diferentes saberes e estimulemos as imaginações. É necessário que o espaço do projeto tenha

fonos de ouvido, caixas de sons, equipamentos multimídia para explorar melhor essas linguagens.

Notamos em nossos dados e observando o blog que faltou regularidade nas atividades com a ferramenta. Há necessidade de que o trabalho tenha periodicidade, por exemplo, que ao menos duas vezes na semana seja reservado espaço para desenvolver o projeto. Moran (2010), quando citado em nossas proposições teóricas, destaca que o educador atento tem de explorar a expectativa positiva dos educandos em relação ao uso das tecnologias, por isso a necessidade de regularidade na aplicação do projeto. Contudo, conforme o autor, essas atividades devem confluir com o planejamento pedagógico.

Essa pesquisa ajudou-me a constatar na aplicação do projeto piloto muitas falhas. Estas lacunas me possibilitaram refletir, repensar, estudar bibliografias para então reformular a proposta metodológica. Vejo que em grande parte dos *posts* não tínhamos perguntas norteadoras para os participantes, apenas as postagens dos textos que deixavam os alunos livres para exporem suas impressões. Embora, deixar os alunos mais livres para se expressarem não seja ruim, creio que não é o suficiente. O professor aplicador pode nortear e monitorar por que caminhos o participante transita. Tem de haver liberdade, mas como o monitoramento e acompanhamento do professor teremos resultados mais consistentes. Nesse sentido, reformulamos a proposta pensando em ajustar essas dificuldades para uma maior segurança do educador quanto a prática do projeto, dessa forma, possivelmente obteremos um maior êxito.

A intuição nos ajuda, mas não é o suficiente para nossa prática. Planejar e organizar antes é fundamental. A pesquisa e aprendizagem sobre como confeccionar o blog; a pesquisa e a seleção dos textos; a pesquisa sobre o contexto de produção desses textos; a confecção do blog; o cronograma de leituras e posts; os debates e as reflexões; os comentários; e a divulgação do trabalho; são imprescindíveis para um maior sucesso das ações. Justamente, porque vivenciamos a experiência, hoje sou capaz de repensar sobre ela, lançar hipóteses e possíveis soluções.

O primeiro passo, surge da dificuldade que encontrei no projeto piloto para organizar as ações, visto que, executava as atividades mais por intuição, apenas tentando unir leitura literária, tecnologias e Educação Integral. Através dos ajustes que tive de fazer depois do projeto piloto, observei que planejamento e cronograma são fundamentais para que haja êxito. Colomer (2007) alerta para a necessidade de planejamento para que as leituras literárias não sejam superficiais, não se tornem apenas um conjunto de leituras sem significação para os alunos.

A percepção de que os alunos possuem níveis diferentes de conhecimento na área de informática, na área de leitura literária, fez com que eu refletisse sobre a importância de os alunos participarem da confecção do blog e da escolha dos textos literários. Moran (2010) destaca as infinitas possibilidades de aprendizagem quando os alunos desenvolvem sua autonomia e têm a possibilidade de trabalhar com as tecnologias. Um dos aspectos que pensei para a proposta metodológica, ao reler minhas notas de campo, foi o desenvolvimento de um trabalho em grupo, nele, os alunos descobrem com confeccionar um blog e vão fazendo suas escolhas para construir um diário virtual que tenha a identidade do grupo.

Detectei nas oficinas do projeto piloto que os alunos que possuíam menos conhecimento e experiência com as tecnologias, aprendiam muito mais com os companheiros; e os que ensinavam, ficavam satisfeitos e orgulhosos por poderem ajudar os colegas. Moll et al. (2012) disserta sobre a importância de que no espaço da Educação Integral haja a valorização de atividades em que os alunos troquem conhecimentos e aprendizagens, assim as atividades tornam-se mais significativas e marcantes para o grupo. Neste sentido, o segundo passo de pesquisa e aprendizagem sobre como confeccionar um blog mostra-se fundamental para o processo.

A constatação de que, no projeto piloto, as oficinas que mais entusiasmaram os alunos foram as que partiram de textos mais próximos do universo do grupo, me levou então ao terceiro passo de pesquisa e seleção dos textos literários. A atividade que trabalhou o conto “As grandes onças

brabas”<sup>28</sup>, por exemplo, aguçou a curiosidade e o interesse do grupo, que queria saber mais sobre o autor, que queria falar sobre outras lendas da cidade. Ou seja, os alunos penetraram na relação autor/texto/leitor.

Os autores Colomer (2007) e Cosson (2012) tratam, justamente, do quanto é importante partir do universo do aprendiz para formar leitores literários, visto que, imaginam a literatura como algo distante e, muitas vezes, inalcançável, difícil de ler e de compreender. Porém, quando leem textos com os quais se identificam, se (re)conhecem a leitura torna-se prazerosa e significativas. Embora o professor possa partir para outras leituras mais complexas ou que considere serem produtivas para o crescimento dos leitores, esse passo enfatiza a importância de começar das vivências e experiências literárias do grupo.

Um ponto negativo do projeto piloto que me levou a criação do quarto passo, foi que, muitas vezes, eu não soube aproveitar a curiosidade e as dúvidas do grupo com relação ao contexto de produção das obras trabalhadas. Provavelmente a falta de planejamento inicial, que já mencionei anteriormente, me cegou. O fato é que eu possuía em minhas mãos a ferramenta para sanar essas dúvidas, mas não soube utilizar. Hoje, de posse das leituras do aporte teórico e das reflexões acerca da experiência piloto, vejo que deveria ter incentivado e motivado o grupo para que a cada leitura pesquisássemos sobre o autor, a época em que o texto foi produzido, sobre todo o contexto de produção.

Bauman (2008) e Castells (1999a) apontam para esse novo sujeito que busca a informação imediata, que não deixa para depois, pois perde o interesse com facilidade. É o sujeito do aqui e agora, por isso a necessidade do professor estar preparado e reservar um tempo para a execução do quarto passo de pesquisa do contexto de produção. Notei que quando eu dizia que traria a informação na próxima oficina, de certa forma, eles perdiam o interesse pelo assunto e já estavam focados nas novas atividades. Nesse sentido, torna-se relevante a execução do quarto passo.

---

<sup>28</sup> Texto do autor jaguareense Aldyr Garcia Schlee que trata de uma lenda sobre o rio Jaguarão.

O quinto passo da confecção do blog foi construído a partir da percepção de que no projeto piloto roubei essa atividade e oportunidade de aprendizagem do grupo, visto que, em minha ansiedade e falta de planejamento levei um blog já pronto para o grupo. Moll et al. (2012) destaca que quando subestimamos a capacidade de nossos alunos tiramos oportunidades preciosas de construção de novos conhecimentos. Sendo assim, o segundo e o quinto passo vêm para sanar essa falha do projeto piloto, para permitir que o grupo pesquise sobre a ferramenta blog, que aprenda como construir um blog, como melhor aproveitar suas possibilidades (chats, links para outros sites e blogs, etc.), para fazer escolhas como o próprio nome do blog.

Percebo que as leituras e os posts produzidos pelos alunos no blog são o cerne do trabalho, afinal o que se quer com essa metodologia é formar leitores literários que utilizem outros suportes para leitura, como o blog. Os passos anteriores são organizadores, eles se tornam fundamentais para que as leituras sejam exitosas e significativas. Contudo é necessária especial atenção com o cronograma de leituras e os posts de acompanhamento, tendo em vista que neste momento do processo é que o aluno realmente realizará as leituras. Nesse sentido, precisamos do sexto passo para que o professor não tenha as dificuldades que eu encontrei no projeto piloto.

Eu não organizei posts com perguntas norteadoras no projeto piloto, agora percebo que são fundamentais para que o grupo explore mais o texto em sua riqueza de sentidos. Colomer (2007) explana sobre a importância de uma leitura mais consistente e aprofundada, pois sem a orientação do professor o aluno pode se manter em uma leitura superficial, muitas vezes. Isso pode prejudicar o crescimento e o amadurecimento do leitor. Se queremos uma educação mais humanizadora como propõe Estévez (2011), com experiências estéticas significativas, tendo o texto literário com potencial ferramenta humanizadora (COSSON, 2012), precisamos que o professor seja esse ponto de referência e esclarecimento, norteador do processo.

Ainda pensando no sexto passo, dedicamos um espaço para os debates e reflexões sobre as leituras, pois percebi que no projeto piloto tivemos pouco tempo para esses momentos de reflexão do grupo, de troca de opiniões sobre essas experiências estéticas, de percepção da literatura como conhecimento do mundo e com porta para um (re)conhecimento dos alunos enquanto sujeitos em formação e transformação (ESTÉVEZ, 2011).

O sétimo passo é dedicado aos comentários que, no projeto piloto, foi uma das partes mais exitosas do processo, já que todos os participantes queriam se expressar e registrar suas opiniões. Todavia não podemos desconsiderar que também passei por muitos problemas no momento dos comentários por falhas com os equipamentos e com a internet que, algumas vezes, não nos permitiam o registro adequado desses momentos.

Porém, era notável, no grupo, a importância que eles visualizavam no registro dos comentários e na possibilidade de que outras pessoas lessem o que registrávamos ali, no blog. Lévy (2008) e Lemos (2010) destacam que a cibercultura assume um papel preponderante para as novas gerações. Há uma necessidade de expressão e de que essas proposições cheguem ao conhecimento de outros sujeitos que estejam nessa rede.

Nesse sentido, o passo dos comentários serve como laço para unir o entusiasmo e motivação dos alunos para com o uso dessas ferramentas tecnológicas, com a leitura literária e suas infinitas possibilidades de sentidos, de imaginação e criatividade. Sendo que, por ser o blog um diário virtual de acesso público, pode motivar e interessar aos visitantes, que também poderão participar e registrar suas impressões. Parece-me que isso torna o trabalho mais significativo para os alunos, pois suas produções terão a possibilidade de serem lidas e compartilhadas com outras pessoas.

Justamente por perceber o entusiasmo do grupo com a possibilidade de que outras pessoas acessem o que produziram no blog, que pensei no oitavo e último passo, que diz respeito a divulgação. Cosson (2012), Zilberman & Rösing (2009) destacam o quanto é significativo para o aluno que suas produções tenham um destino e um público alvo, neste sentido, pensei que

esse trabalho pode ser divulgado nas próprias redes sociais, no círculo escolar e em ambientes como: feira do livro, casa de cultura da cidade, etc.

Relacionei as experiências do projeto piloto com o aporte teórico dessa pesquisa para refletir, estudar e reorganizar a proposta, de forma que ficasse viável para outros professores e educadores utilizarem como possibilidade de trabalhar textos literários. Somente quando nos afastamos da nossa ideia inicial e buscamos leituras que nos ajudem a transforma-la, quando olhamos criticamente nossa experiência, só assim abrimos uma brecha para perceber as lacunas e os acertos; podemos enfim transformar esse processo em novos conhecimentos para novas ações e experiências.

Logo abaixo temos um quadro que demonstra as principais mudanças da proposta ao longo desse processo de ação-reflexão-ação:

<b>Projeto Piloto</b>	<b>Proposta Final de Leitura Literária – Blogados na literatura</b>
Sem o planejamento adequado.	Prevê o planejamento necessário. (Primeiro Passo)
Sem o instrumento de pré-teste e pós- teste.	Prevê o instrumento de pré-teste e pós-teste. (Terceiro Passo)
Blog pronto – desenvolvido pelo professor.	Blog como construção do grupo participante. (Segundo Passo)
Sem considerar o contexto de produção das obras.	Prevê a inclusão do contexto de produção das obras. (Quarto Passo)
Não possui perguntas norteadoras nos <i>posts</i> .	Prevê a inclusão de perguntas norteadoras nos <i>posts</i> . (Sexto Passo)
Não possui uma ênfase nos <i>feedbacks</i> para os participantes.	Prevê os <i>feedbacks</i> em todos os <i>posts</i> . (Sétimo Passo)

Não houve a divulgação adequada do blog.	Prevê a divulgação do blog na comunidade que envolve o grupo participante. (Oitavo Passo)
Não possui periodicidade.	Prevê a periodicidade de, no mínimo, duas vezes por semana.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta seção me dedico a fazer proposições sobre a pesquisa como um todo. Foram dois anos de estudos, leituras e releituras, de escrita e reescrita, sempre com o tempo e os prazos como um cobrador implacável. E quando vivenciamos uma pesquisa que busca articular teoria e prática, saímos do abstrato para o concreto, intervimos na realidade da escola e dos alunos, isso é uma responsabilidade enorme, mas ao mesmo tempo é encantador. Abre-se diante de nós um universo de possibilidades.

Observo que este trabalho cumpriu com suas proposições iniciais, visto que, desvelamos a possibilidade de novas metodologias para trabalhar a leitura literária unida às tecnologias no espaço da Educação Integral. Princípios pelo entendimento e embasamento teórico, que foi cumprido no capítulo 2 “PRESSUPOSTOS TEÓRICOS”. Ao descrever o projeto piloto articulado com as proposições dos autores que abordamos, logramos refletir e alterar a Proposta Metodológica (Blogados na Literatura) e, por fim, triangulamos os dados produzidos, nossas reflexões e o aporte teórico que resultou na análise apresentada nesta dissertação no capítulo 3 “PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INTEGRAL”. Ao final, conseguimos abordar nossas considerações e os conhecimentos que conseguimos construir ao longo desse processo.

Não posso deixar de mencionar as dificuldades que o professor da rede estadual de educação encontra para seguir estudando e se qualificando, pois não há ao menos uma redução de carga horária para que possamos investir em nossa formação. Em verdade, o professor é que tem que se organizar e conciliar sua carga horária de trabalho com a de estudos. Isso, muitas vezes me frustrou, já que sentia que sempre um dos compromissos não era cumprido como deveria. Por muitas vezes tive vontade de desistir, porém acredito fortemente no meu compromisso com a educação e com a construção de novos conhecimentos. Neste sentido, se desistisse iria contra os valores que

aprendi nesta universidade desde minha graduação, pois os sacrifícios são necessários para que se alcance as metas e os sonhos que planejamos.

Uma das maiores dificuldades da pesquisa foi entender e aceitar que devemos, em alguns momentos do processo, nos afastar para que observemos os pontos fracos do trabalho. O envolvimento, os sentimentos e o amor que desenvolvemos pela ideia, muitas vezes, nos cega. É compreensível que o pesquisador queira encontrar apenas os pontos positivos no processo. Torna-se doloroso aceitar e enxergar as falhas.

Todavia um dos achados dessa pesquisa foi justamente a percepção das falhas que ocorreram no projeto piloto, pois elas me proporcionaram a oportunidade de reformular a proposta metodológica (Blogados na Literatura) partindo das dificuldades vivenciadas na prática. Também compreendo que a proposta, possivelmente, sofrerá alterações e adaptações por parte do professor que a utilizar futuramente, já que os contextos são diversos, os grupos se comportam e produzem de formas diferentes. Isso, ao contrário do que muitos pensam, é positivo e enriquecedor. Na educação as ações não são estáticas e imutáveis, a construção do conhecimento se dá nas relações e nas experiências dos participantes, portanto as adaptações e mudanças não são algo negativo, mas positivo e construtivo para que se alcance os objetivos estabelecidos pelo grupo de participantes.

Percebo que, ao longo do processo de construção dessa pesquisa, relatei diversas vezes a importância do planejamento. Talvez essa seja a maior falha do projeto piloto, aplicar uma ideia que pensamos ser interessante e produtiva sem o devido planejamento. Sabemos que mesmo com o planejamento e organização adequados os projetos são passíveis de erros, porém quando nos preparamos essas falhas diminuem consideravelmente.

Outra consideração sobre essa pesquisa é a confirmação de que o texto literário é por excelência uma ferramenta humanizadora, capaz de proporcionar experiências estéticas que tocam os alunos. A leitura literária estimula a criatividade, a curiosidade, estimula a expressão, a liberdade de pensamento, a imaginação, também motiva os alunos a lerem outras obras e a se

(re)conhecerem nos textos. E associada às tecnologias, potencializam-se esses êxitos. Exemplo disso, foi a leitura do poema de Cecília Meireles, “A língua do Nhem”, associada ao vídeo que traz o poema musicado e com animação. A princípio, achei que era muito infantil e que os participantes não se interessariam, mas para minha surpresa a experiência foi surpreendente.

Essas surpresas positivas fazem valer a pena todos os sacrifícios, as reflexões, as leituras, a escrita. Não podemos guardar essas experiências e fecha-las em nós, precisamos divulga-las, leva-las ao conhecimento de outros professores. Parece, muitas vezes, pouco, pequeno, mas elas podem mudar outras realidades, podem auxiliar outros professores. Creio que é para isso que servem os programas de pós-graduação, para divulgar e difundir os novos conhecimentos produzidos.

Um dos legados desse trabalho é a valorização do espaço que a Educação Integral oferece. Perceber a importância de repensar e refletir sobre as atividades e oportunidades que o turno integral proporciona para o alunado e para os professores. Largar o mecanicismo e lançar um olhar mais humano sobre essas ações, de maneira que possamos formar sujeitos que descubrem diariamente novos sentidos subjetivos, conscientes de nossa condição de sujeitos em constante formação. Importa que nesses espaços resgatemos o encantamento, a imaginação e a criatividade possibilitando um agir mais humano.

Depois dessa experiência de pesquisa, pude compreender o que significa agir/refletir/transformar. Somente ao analisar minha prática fui capaz de transforma-la e compreender que esse processo não possui fim. Cada vez que me dedicar a observar minhas ações, encontrarei pontos a serem modificados, pontos a serem potencializados e pontos que devo descartar. Tudo isso sem perder de vista que estas ações interferem na vida dos alunos, destes sujeitos em formação, sendo assim, também eu como professora estou em constante formação e transformação.

Neste sentido, percebo que minha caminhada não termina nesta dissertação. Toda vez que olho meus alunos, suas produções, seus interesses

e seus desinteresses, surgem dúvidas, ideias, oportunidades de construção de novos conhecimentos. Quando estou estudando, lendo outros conceitos, outras obras me reconheço, me transformo. Assim, pensar em um projeto de doutorado já não me parece algo tão distante e inatingível, apesar dos percalços do caminho.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhael. **Questões de literatura e estética**. 6ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**; Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOGDAN, Roberto C. & BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto-Portugal: Porto Editora, 1994.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- DAMIANI, Magda Floriana [et al.]. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Pelotas-RS: Cadernos de Educação Nº45 – P.57-67. maio/agosto, 2013.
- ESTÉVEZ, Pablo René. **Educar para el bien y la belleza**. Rio Grande: Editora da FURG, 2011.
- FIORIN, José Luiz. **Linguística e pedagogia da leitura**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.7, n.14, p.107-117, 2004.
- FIORIN, José Luiz. *A Linguagem Humana: do mito à ciência*. In.: **Linguística? Que é isso?** Org. José Luis Fiorin. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 7ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2008.
- LIMONTA, Sandra Valéria [et al.] (Org.). **Educação Integral e Escola Pública de Tempo Integral**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOLL, Jaqueline [et al.]. **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 18ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo [Orgs.]. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCHLEE. A. G. **Contos de Verdade**. Porto Alegre: Editora Mercado Livre, 2000.

TREVISAN, Armindo. **Vamos aprender poesia?**. Porto Alegre: AGE, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING [Orgs.]. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

EDUCAÇÃO INTEGRAL. Disponível em: [educacaointegral.mec.gov.br](http://educacaointegral.mec.gov.br). Acesso em: 10 de março de 2015.

EDUCAÇÃO INTEGRAL – Texto referência para o debate nacional [portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal\\_educ\\_integral.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf). Acesso em : 10 de março de 2015.

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO - Passo a Passo. Disponível em: [educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/biblioteca/11\\_passo\\_passo\\_mais\\_educacao\\_seb.pdf](http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/biblioteca/11_passo_passo_mais_educacao_seb.pdf). Acesso em : 10 de março de 2015.

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO - Redes de saberes mais educação. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cad\\_mais\\_educacao\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cad_mais_educacao_2.pdf). Acesso em: 10 de março de 2015.

## ANEXO 1

### VAGALUMES - POLLO

Vou caçar mais de um milhão de vagalumes por aí,  
Pra te ver sorrir eu posso colorir o céu de outra cor,  
Eu só quero amar você,  
E quando amanhecer eu quero acordar...  
Do seu lado.

Vou escrever mais de um milhão de canções pra você ouvir  
Que meu amor é teu, teu sorriso me faz sorrir,  
Vou de Marte até a Lua, cê sabe já tô na tua,  
Não cabe tanta saudade essa verdade nua e crua,  
Eu sei o que eu faço, nosso caminho eu traço,  
Um casal fora da lei ocupando o mesmo espaço,  
Se eu to contigo não ligo se o sol não aparecer,  
É que não faz sentido caminhar sem dar a mão pra você,  
Teu sonho impossível vai ser realidade,  
Sei que o mundo tá terrível mas não vai ser a maldade que  
Vai me tirar de você, eu faço você ver,  
pra tu sorrir eu faço o mundo inteiro saber que eu...

Vou caçar mais de um milhão de vagalumes por aí  
E pra te ver sorrir eu posso colorir o céu de outra cor  
Eu só quero amar você  
E quando amanhecer eu quero acordar...  
Do seu lado.

Pra ter o teu sorriso descubro o paraíso  
É só eu ver sua boca que eu perco o juízo por inteiro,  
Sentimento verdadeiro eu e você ao som de Janelle Monáe,  
Vem, deixa acontecer

Me abraça que o tempo não passa quando cê tá perto,  
Dá a mão e vem comigo que eu vejo como eu tô certo,  
Eu digo que te amo cê pede algo impossível,  
Levanta da sua cama hoje o céu está incrível.

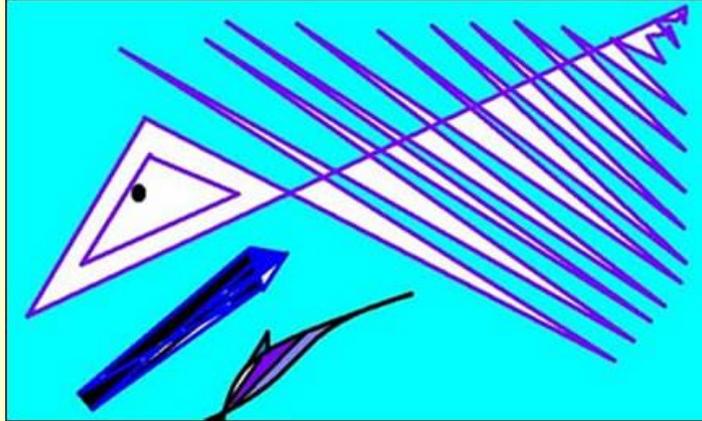
Vou caçar mais de um milhão de vagalumes por aí  
E pra te ver sorrir eu posso colorir o céu de outra cor  
Eu só quero amar você  
E quando amanhecer eu quero acordar...  
Do seu lado.

Faço dos teus braços um lugar mais seguro,  
Procurei paz em outro abraço não achei eu juro,  
Saio do compasso, passo apuros que vier,  
Abro a janela pra que você possa ver...

Vou caçar mais de um milhão de vagalumes por aí,  
E pra te ver sorrir eu posso colorir o céu de outra cor,  
Eu só quero amar você,  
E quando amanhecer eu quero acordar...  
Do seu lado.

## ANEXO 2

Manoel de Barros



### ***O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA***

Tenho um livro sobre águas e meninos.  
Gostei mais de um menino  
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira

***Era o mesmo que roubar um vento e sair***

***correndo com ele para mostrar aos irmãos.***

A mãe disse que era o mesmo que  
catar espinhos na água  
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino  
gostava mais do vazio  
do que do cheio.  
Falava que os vazios são maiores  
e até infinitos.

Com o tempo aquele menino  
que era cismado e esquisito  
porque gostava de carregar água na peneira

**Com o tempo descobriu que escrever seria  
o mesmo que carregar água na peneira**

No escrever o menino viu  
que era capaz de ser  
noviça, monge ou mendigo  
ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.

**Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro  
botando ponto no final da frase.**

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor!  
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:  
Meu filho você vai ser poeta.

**Você vai carregar água na peneira a vida toda.**

Você vai encher os  
vazios com as suas peraltagens

e algumas pessoas  
vão te amar por seus despropósitos.

Fonte: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_infantil/manoel\\_de\\_barros.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_infantil/manoel_de_barros.html)

### ANEXO 3

#### A língua do Nhem

Havia uma velhinha  
que andava aborrecida  
pois dava a sua vida  
para falar com alguém.

E estava sempre em casa  
a boa velhinha  
resmungando sozinha:  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia  
no canto da cozinha  
escutando a velhinha,  
principiou também

a miar nessa língua  
e se ela resmungava,  
o gatinho a acompanhava:  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro  
da casa da vizinha,  
pato, cabra e galinha  
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam  
a falar noite e dia  
naquela melodia  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha  
que muito padecia  
por não ter companhia  
nem falar com ninguém,

ficou toda contente,  
pois mal a boca abria  
tudo lhe respondia:  
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Cecília Meireles

## ANEXO 4

### AS GRANDES ONÇAS BRABAS \* - Aldyr Garcia Schlee

Dizem que ali, para lá daquela volta do Jaguarão, lá adiante, nas barrancas, viviam as grandes onças brabas - metade tigre, metade peixe - que deram nome ao rio. Eram como sereias, com os seios, o jeito, o encanto de mulher. Talvez ocultassem sob a água o mistério de suas escamas de prata e de suas caudas ondulantes; mas não tardavam em revelar, na agudeza das garras, a voracidade de suas entranhas de fera. Conta-se que elas atraíam e seduziam a gente com tal fascínio e encantamento que jamais qualquer um de nós pôde perceber que fora arrastado até ali a ponto de perder o coração.

Conta-se que as grandes onças brabas comiam só o coração de suas vítimas. Nas esplêndidas noites de lua, nas preguiçosas tardes de mormaço, nas resplandecentes manhãs de laranjeira - , aqueles jaguarões deslumbravam e enfeitiçavam as pessoas apenas para comer-lhes os corações; só o coração.

Conta-se que nunca ninguém teve memória para lembrar que fora vítima das grandes onças brabas. Os que um dia se sentiram chamados para o rio, que serenamente entraram pelas águas e inadvertidamente se entregaram às garras das feras, ofuscados pelo brilho das curvas e subjugados pelo encanto feminino daqueles seres fantásticos - os perdidos de amor -, estes deixaram ali o coração sem se darem conta disso e de tudo o mais.

Há quem diga que a história dos jaguarões não passa de lenda, até porque não resta por aí uma só lembrança das grandes onças brabas; jamais alguém admitiu ter sido atacado por elas; nunca ninguém cometeu a loucura de pretender provar a existência desses entes extraordinários que viviam no rio.

Houve quem dissesse que tal lenda teria sido inventada em outros tempos pelos jesuítas e divulgada e aceita por aqui como remate dos primitivos rituais de iniciação dos índios, ao simbolizar na perda do coração o fim da pureza do amor e, assim, o risco da tentação, da traição - de tudo que é proibido e pecaminoso.

Houve quem dissesse que lenda não há, nem nada. E que, desdobrando-se um rosário de prostíbulos à beira do rio, era fácil imaginar ali mesmo na praia, tentadoras e humanamente renascidas, as grandes onças brabas - com as quais deixávamos a inocência de nossos corações, descobrindo, nos perigos da noite e nos riscos da clandestinidade, o carinho comprado e a ausência de afeto.

Eu vos digo, em verdade, que nada sei de maravilhas embora trema ao falar de jaguarões. Talvez eu também seja daqueles que não tenham se dado conta de mistérios, que não guardem lembrança de milagres, que não se animem a comprovar magias. Mas, cada vez que venho aqui, sei que perco um pouco o coração; e que, no entanto, saio redivivo. Por tudo, prefiro contar histórias que me contaram como verdadeiras. Contos de verdades.

\* Texto introdutório do livro de contos *Contos de Verdades*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 2000.

## ANEXO 5

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Solicito à direção do Instituto Estadual de Educação Espírito Santo autorização para realização da pesquisa intitulada *LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS ATRAVÉS DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA* sob responsabilidade da professora Maria Élia Gonçalves Martins, com orientação da professora doutora Vera Lúcia Cardoso Medeiros, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pampa – Campus Bagé.

Comprometemo-nos a seguir as normas e rotinas da escola, zelar pelo sigilo ético dos depoentes e dados obtidos da pesquisa. Haverá o compromisso de divulgação dos dados obtidos apenas em reuniões e publicações científicas com sigilo e resguardo ético da Instituição.

Informo que a pesquisa será feita com a turma C do Projeto de Educação Integral “Mais Educação/2013”.

Jaguarão, março de 2015.

---

**Prof.<sup>a</sup> Maria Élia Gonçalves Martins**

**Responsável pela Pesquisa**

---

**Direção da Escola**